Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Ana Clara Nunes Tavares

MOVIMENTO SINDICAL CATÓLICO E ANTICOMUNISTA: A ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS (ELO)

Monografia apresentada à
Graduação em História da PUC-Rio
como requisito parcial para obtenção
do título de licenciatura em História

Orientadora: Profª Drª Larissa Rosa Corrêa

Rio de Janeiro, junho de 2020

Para as pessoas que eu mais amo no mundo,

Ana Valeria e Roberto.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, Ana Valeria e Roberto, que sempre acreditaram em mim e me deram todo o apoio que eu precisava para chegar até aqui. Todas as minhas conquistas são motivadas pelo amor que tenho por eles. Agradeço, em memória, à minha avó, Maria Emília, que sempre se orgulhou da minha trajetória e deixou muita saudade. À Maria Fernanda, que há 13 anos faz com que os meus dias sejam mais alegres. Aos meus padrinhos, Márcia e José Fernando, e aos meus tios, Elaine e Luiz Carlos. Sem dúvidas, a minha família é o meu alicerce.

Agradeço a todos os meus colegas de graduação pela parceria nesses quase 5 anos, principalmente Flávia Martins, Gabriel Guedes, Julia Costa, Matheus Rezende e Wallace Sousa. Sem eles certamente a universidade seria muito mais amarga. Aos meus amigos da vida por todos os momentos compartilhados. Um agradecimento mais que especial aos professores do Departamento de História, que foram fundamentais na minha caminhada, em especial à Luciana Borgerth, que me ensinou tudo o que sei sobre ensino e aprendizagem de história e à minha orientadora, Larissa Rosa, que é uma grande inspiração e referência como pesquisadora e professora. Aos funcionários do Departamento, Anair, Claudio e Igor, por tanto carinho e cuidado nesses anos.

Por último, gostaria de agradecer ao Sindicato dos Comerciários do Rio de Janeiro, especialmente ao presidente Márcio Ayer e ao diretor de finanças José Cláudio Oliveira, pelas entrevistas. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida à minha pesquisa de iniciação científica que deu origem a essa monografia, "Movimento Sindical, Igreja Católica e Anticomunismo: a atuação do Círculo Operário Católico no Rio de Janeiro durante a Ditadura Militar (1961-1974)". É sempre importante ressaltar a necessidade do investimento em pesquisa e educação, principalmente em momentos como o que estamos vivendo atualmente.

Resumo:

Este trabalho monográfico é uma análise sobre a atuação do Círculo Operário Católico do Rio de Janeiro no movimento sindical durante o período do pré-1964, a partir da experiência da Escola de Líderes Operários fundada nas dependências da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Além de observar o projeto teológico-político do movimento circulista, este estudo tece uma análise aprofundada sobre o papel da ELO e suas relações com os trabalhadores católicos. A partir disso, observa-se a atuação do setor anticomunista e conservador da Igreja Católica no processo de formação de líderes sindicais e, também, a relação da Igreja com o anticomunismo e o movimento sindical daquele período.

Palavras-chave:

anticomunismo; circulismo católico; movimento sindical; ELO.

Sumário

Lista de ilustrações **6**

Introdução **7**

Capítulo 1 - ELO entre os Círculos Operários e o movimento sindical **11**
1.1 O circulismo católico 11
1.2 A formação da ELO 20

Capítulo 2 - Caminhos e descaminhos da ELO **28**
2.1. Como formar um líder sindical? 30
2.2 - O sindicato dos comerciários 42

Capítulo 3 - As outras faces do circulismo **48**

Conclusão **56**

Referências bibliográficas **59**

Lista de ilustrações

Imagem 1 - Hino dos trabalhadores brasileiros 12

Imagem 2 - Propaganda ELO descontraída 22

Imagem 3 - Propaganda ELO formal 22

Imagem 4 - Cópia do diploma da ELO 25

Imagem 5 - Curso de liderança sindical: 1ª aula 31

Imagem 6 - Triângulo da liderança 32

Imagem 7 - Teste psicológico 37

Imagem 8 - Capa do anuário de 1965 40

Introdução

O período conhecido na historiografia como experiência democrática, entre os anos de 1945 e 1964, foi marcado por grandes tensões políticas no Brasil e no mundo, motivadas em especial pela Guerra Fria. A polarização entre os Estados Unidos e a União Soviética potencializou o sentimento anticomunista nos países alinhados à potência norte-americana, como o Brasil. Desse modo, o medo de que uma ditadura comunista fosse instaurada no país rapidamente se instaurou, principalmente após a Revolução Cubana, em 1959. Assim como todas as grandes instituições, a Igreja Católica e o movimento sindical também foram influenciados pelas disputas político-ideológicas com o acirramento da polarização política nas décadas de 1950 e 1960.

Desse modo, a partir da década de 1960, intensificou-se a reação contra os movimentos progressistas entre grupos conservadores, como os militares, a Igreja e as classes média e dominante, que se preocupavam com o avanço do comunismo.[1] Entretanto, de acordo com Carla Rodeghero, os norte-americanos criticavam a Igreja, os jornais e os partidos políticos brasileiros pela "falta de sistematicidade e continuidade nas suas campanhas anticomunistas".[2] Por mais que as instituições brasileiras adotassem a agenda anticomunista, nem todas possuíam a eficiência desejada pela potência estadunidense.

Conforme a historiografia brasileira sobre o período nos mostra,[3] o movimento sindical e a Igreja Católica exerciam grande influência nas discussões políticas nacionais e, sobretudo, nas relações sociais, por isso tornam-se tão importantes para compreender o panorama político e social no período que antecede o golpe civil-militar 1964.[4] Nesse contexto, o Círculo Operário Católico

---

[1] MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. *Trad. Heloísa Braz*. Editora Brasiliense, 1989, p. 64.

[2] RODEGHERO, Carla Simone. **Capítulos da Guerra Fria: o anticomunismo brasileiro sob o olhar norte-americano (1945-1964)**. UFRGS Editora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, p. 102.

[3] Ver, entre outros: Fortes & Negro, 2002; Mattos, 2009; Santana, 2008; Silva & Negro, 2003.

[4] Não há um consenso na historiografia acerca da terminologia adequada para se referir a este evento histórico. "Golpe civil-militar" é a expressão utilizada por mim, pois considero a participação da sociedade civil no movimento que derrubou o governo de João Goulart. Esta classificação aparece em "1964, A conquista do Estado", de René Dreifuss. Entretanto, para a designação do governo autoritário instaurado a partir de 1° de abril de 1964, utilizo a expressão "Ditadura Militar", pois considero que muitos setores da sociedade civil retiraram o apoio após o

do Rio de Janeiro apresenta-se como um agente de bastante relevância para compreender o projeto teológico-político e ideológico do setor conservador da Igreja e, também, para analisar o cenário dos mundos do trabalho no período. A Escola de Líderes Operários (ELO), sediada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) surgiu, então, no final da década de 1950, como personagem influente capaz de conectar os Círculos Operários e o movimento sindical. Este trabalho monográfico visa, portanto, discutir a experiência da Escola, observando a atuação do setor anticomunista e conservador da Igreja e a relação que a instituição estabelecia com o sindicalismo.

A principal hipótese levantada a partir das pesquisas realizadas principalmente na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no Núcleo de Memórias da PUC-Rio e no Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ) é a de que a ELO formava líderes operários, com base na Doutrina Social Cristã, a fim de que essas lideranças assumissem cargos de responsabilidade nos sindicatos, substituindo os líderes comunistas. Ao analisar essas fontes, questiona-se qual seria a função dessas lideranças sindicais católicas no movimento sindical. Com quais objetivos eles eram formados e educados? Quais deveriam ser as suas funções no movimento sindical? Aos olhos dos dirigentes considerados comunistas, progressistas e nacionalistas, os líderes católicos eram chamados de não combativos, pois tendiam a não exercer nenhum tipo de pressão ou ameaça aos patrões, respeitando o princípio anticomunista do movimento circulista de constituir uma harmonia entre as diferentes classes sociais.

Para dar conta das discussões propostas e compreender melhor o movimento circulista e o sindicalismo, algumas pesquisas foram de extrema importância. Entre muitas, "*Círculos Operários: A Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*", de Jessie Jane Vieira de Souza, é minha principal referência bibliográfica para este trabalho monográfico. A autora, em sua pesquisa pioneira,

---

início do período de repressão e não obtiveram vantagem direta no autoritarismo, tornando o regime essencialmente militar. Carlos Fico é minha principal referência para este posicionamento. (FICO, 2014). Considero a grande importância do termo "Ditadura Militar Empresarial", porém não o utilizo, tendo em vista que o apoio das empresas ao governo autoritário não é o foco da minha análise.

apresenta uma análise completa e bem elaborada da atuação dos Círculos Operários no Brasil, que foi crucial para o debate que propus realizar. "*Disseram que voltei americanizado: Relações sindicais Brasil-Estados Unidos na Ditadura Militar*", de Larissa Rosa Corrêa; "*Capítulos da Guerra Fria: o anticomunismo brasileiro sob o olhar norte-americano (1945-964)*", de Carla Rodeghero; e "*Ditadura Militar e resistência operária: o movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática*", de Marco Aurélio Santana, também foram obras fundamentais para tecer as análises iniciais e ancorar teoricamente minha pesquisa. Além desses, alguns outros autores, como Alexandre Fortes e Antonio Luigi Negro (2002) e Marcelo Badaró Mattos (2009), contribuíram para o norteamento acerca do debate historiográfico em torno do movimento sindical no pré-1964, como ficará evidenciado ao longo dos capítulos.

O primeiro capítulo, portanto, discutirá a relação entre os Círculos Operários Católicos e o movimento sindical, representada pela ELO. Nesse sentido, buscarei compreender como a Escola surgiu e qual era o seu papel no contexto político do período de 1957 a 1964, que antecedeu o golpe civil-militar de 1° de abril. A escolha desse recorte temporal é motivada pela cooperação do movimento sindical anticomunista e católico com o plano orquestrado para a atividade de derrubada do presidente João Goulart. Desse modo, o propósito deste capítulo é preencher as lacunas acerca da relação entre o setor conservador da Igreja Católica e o movimento sindical.

É imprescindível ressaltar que esta discussão é bastante relevante para a compreensão do período da Ditadura Militar, principalmente pela importância que o movimento sindical e a Igreja Católica possuíam no cenário político brasileiro. Os sindicatos e os trabalhadores foram atores políticos centrais na conjuntura do pré-1964 e, por isso, segundo o relatório da Comissão Nacional da Verdade, "constituíram o alvo primordial do golpe de Estado de 1964, das ações antecedentes dos golpistas e da Ditadura Militar".[5] Muitas vezes esses dois agentes são deixados de lado pela historiografia, que mesmo na perspectiva da história social, acaba por priorizar outros atores, como o movimento estudantil e a

[5] COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Volume II - Textos Temáticos - Violação de Direitos Humanos dos Trabalhadores. Brasil, 2014.

resistência armada. Larissa Corrêa e Paulo Fontes reforçam que os trabalhadores e dirigentes sindicais são negligenciados e invisibilizados nas análises do período.[6] Logo, busca-se compreender o papel do setor anticomunista da Igreja Católica, representado pelos Círculos Operários Católicos e a Escola de Líderes Operários.

No segundo capítulo pretende-se analisar os cursos e as atividades oferecidas pela ELO, assim como as avaliações e a metodologia utilizadas. Para isso, a análise de propagandas, planos de aula, apostilas e programas serão fundamentais. A intenção é compreender qual era o conteúdo ensinado nas aulas e, sobretudo, a visão da Escola sobre o movimento sindical, os trabalhadores, a educação laboral e suas particularidades. A partir dessas observações será possível compreender o perfil de formação dos alunos da ELO e, consequentemente, como essa formação influenciou o movimento sindical na década de 1960 e viabilizou a repressão aos trabalhadores a partir da instauração da Ditadura Militar.

O terceiro e último capítulo, por sua vez, será destinado a analisar as atividades da Confederação Nacional dos Círculos Operários (CNCO) em paralelo à Escola de Líderes Operários. Busca-se compreender a atuação dessas entidades na cidade do Rio de Janeiro, quais eram suas propostas e como elas foram retratadas pela imprensa no período. A figura do Padre Pedro Belisário Velloso, que, além de fundador da ELO, era assistente eclesiástico da Confederação no Rio de Janeiro é de suma importância para compreender as ações das entidades. Como os jornais cobriam os congressos, seminários e as demais atividades realizadas por essas entidades? Qual era a repercussão e o impacto dessas ações? Como a CNCO atuava na cidade para além dos cursos oferecidos pela ELO? Essas questões são fundamentais para compreender a movimentação política da Confederação e de Padre Velloso nos anos 1960.

[6] Ver Corrêa & Fontes; 2016.

Capítulo 1 - ELO entre os Círculos Operários e o movimento sindical

1.1 O circulismo católico

Os Círculos Operários Católicos caracterizam-se como grupos associativistas de trabalhadores com influência católica, que foram fundados, em 1932, pelo padre Leopoldo Beltrano no Brasil, mais precisamente em Pelotas, Rio Grande do Sul. São definidos como um movimento operário cristão e designam-se como organização da classe operária, para a elevação desta por meio de iniciativa e esforço próprio. Além disso, não possui fins lucrativos e visa alcançar a ascensão econômica, cultural e social das classes trabalhadoras.[7] Apesar do nome, os círculos não eram restritos a operários, trabalhadores de outros setores também poderiam se associar. Após a fundação do primeiro círculo em Pelotas, criou-se o Círculo Operário de Porto Alegre e uma série de círculos pelo estado. Nos anos seguintes, foram fundados círculos em Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Norte. Já em 1936, foi fundado o Círculo Operário do Rio de Janeiro, tendo seu primeiro núcleo no bairro de Botafogo.[8] Um ano depois, ocorreu o I Congresso Nacional Circulista no Rio de Janeiro, onde foi fundada a Confederação Nacional dos Operários Católicos (CNOC)[9], composta por 34 círculos e mais de 30 mil membros. O intuito do padre Brentano, chamado de

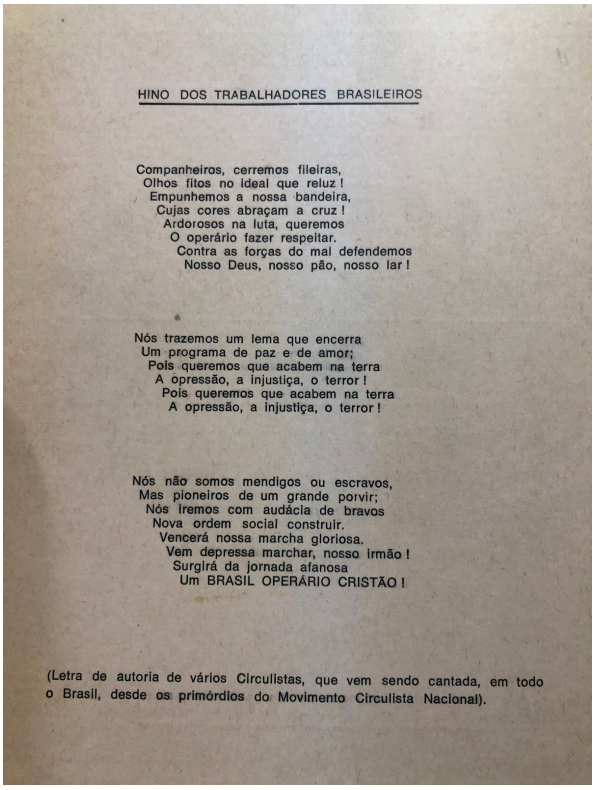
[7] CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS. **Boletim para dirigentes**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, novembro de 1960.

[8] *Relatório:* Confederação Nacional dos *Círculos Operários*. ***A ordem***, 1937, Rio de Janeiro. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/367729/7559>. Acesso em 03 de jun. de 2020.

[9] Em 1950, a entidade passou a ser chamada de Confederação Nacional dos Círculos Operários (CNCO) e em 1964, denominada Confederação Brasileira de Trabalhadores Cristãos (CBTC). No ano seguinte, o nome passou a ser Confederação Brasileira de Trabalhadores Circulistas (CBTC), mantendo a sigla. Desde 2012, a entidade adotou o título de Confederação Brasileira dos Circulistas Operários (CBCO), o qual é utilizado até hoje. Dessa forma, utilizo sempre o nome de acordo com o que era utilizado na data correspondente. Esses dados podem ser consultados no site da CBCO, disponível em: <http://www.cbco.org.br/>. Acesso em 09 de jun. de 2020.

apóstolo dos operários,[10] era "organizar um movimento nacional unificado".[11] Decidiu-se, então, fundar círculos operários em todos os centros de trabalho.

De acordo com Astor Antônio Diehl, "o movimento operário católico pretendia suprir a ausência do Estado na assistência social".[12] Apesar de não serem organizações religiosas propriamente ditas, são organizações com princípios e fins cristãos, tendo em vista que baseiam suas atividades na Doutrina e nos ensinamentos da Igreja, além de visar restaurar a ordem social cristã.[13] Inclusive, parte do hino dos trabalhadores brasileiros – produzido pelos circulistas – afirmava que sua intenção era construir uma nova ordem social, conforme demonstrado na imagem abaixo.



HINO DOS TRABALHADORES BRASILEIROS

Companheiros, cerremos fileiras,
Olhos fitos no ideal que reluz !
Empunhemos a nossa bandeira,
Cujas cores abraçam a cruz !
Ardorosos na luta, queremos
O operário fazer respeitar.
Contra as forças do mal defendemos
Nosso Deus, nosso pão, nosso lar !

Nós trazemos um lema que encerra
Um programa de paz e de amor;
Pois queremos que acabem na terra
A opressão, a injustiça, o terror !
Pois queremos que acabem na terra
A opressão, a injustiça, o terror !

Nós não somos mendigos ou escravos,
Mas pioneiros de um grande porvir;
Nós iremos com audácia de bravos
Nova ordem social construir.
Vencerá nossa marcha gloriosa.
Vem depressa marchar, nosso irmão !
Surgirá da jornada afanosa
Um BRASIL OPERÁRIO CRISTÃO !

(Letra de autoria de vários Circulistas, que vem sendo cantada, em todo o Brasil, desde os primórdios do Movimento Circulista Nacional).

Imagem 1 - Hino dos trabalhadores brasileiros. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data.

[10] *Os Círculos Operários*. ***A Cruz: Órgão da Parochia de S. João Baptista***, 16 de outubro de 1936. Rio de Janeiro. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/829706/4111>. Acesso em 03 de jun. de 2020.
[11] KORNIS, Mônica. *Verbete Círculos Operários.* In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, CPDOC/FGV.
[12] DIEHL, Astor Antônio. **Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990, p. 9.
[13] CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS. **Boletim para dirigentes**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, setembro-outubro de 1963.

Para compreender a formação dos Círculos, é importante ressaltar a preocupação da Igreja Católica com o crescimento do proletariado internacional na primeira metade do século XX. Segundo Jessie Jane Vieira de Souza, o medo de que tal avanço gerasse desordem fez com a Igreja divulgasse seu discurso de propaganda anti revolucionária. Dessa forma, a Igreja Católica se lança como entidade acima das classes sociais com o objetivo de pacificar a sociedade e de solucionar a questão social através do paternalismo.[14] Havia um entendimento de que a tarefa da Igreja seria elaborar um "projeto teológico-político que lhe assegurasse autonomia, permitindo-lhe estabelecer uma ordem social cristã baseada na práxis pública de seus membros, visando a evangelização da sociedade."[15] Pode-se afirmar, de acordo com a autora, que o circulismo é fruto desse projeto. Ademais, a Igreja enxergava a necessidade de que os trabalhadores assumissem certos deveres e direitos morais e, para tanto, era necessário uma organização educativo-formadora que também fosse capaz de responder às demandas materiais desses trabalhadores.[16] Para Jessie Jane, os Círculos Operários se apresentavam como essa organização, sobretudo porque oferecia assistência completa aos trabalhadores. Tal assistência proporcionava ao trabalhador "uma formação social e espiritual", visto que os círculos faziam parte de um "aparato doutrinário, institucional e simbólico, elaborado desde o século XIX, por meio do qual a instituição reivindicava para si a representação do social [...]."[17]

A formação dos Círculos Operários se dá em um contexto de polarização política da classe operária que, segundo a autora, era travada entre comunistas e católicos.[18] Enquanto os adeptos do comunismo possuíam um projeto voltado às disputas de classes, os católicos tentavam estabelecer a harmonia entre essas classes, de modo a conter o avanço dos ideais comunistas nos mundos do trabalho. Tinha-se, portanto, um cenário de disputas entre projetos diametralmente opostos no movimento operário. Além de atuar contrariamente ao conflito de

---

[14] SOUZA, Jessie Jane de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p.46.
[15] *Ibidem*, p. 187.
[16] *Ibidem*, p. 51.
[17] *Ibidem*, p. 186.
[18] *Ibidem*.

classes, os circulistas pretendiam promover a cristianização da classe operária, nos moldes da encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII. Também conhecida como carta dos trabalhadores, a encíclica apresentava o socialismo como um adversário e colocava a Igreja no papel de advogada do proletariado[19] e, de acordo com Diehl, representava "objetivamente o ideal corporativo".[20] A encíclica *Quadragessimo anno*, promulgada em 1931, em comemoração aos 40 anos da *Rerum Novarum*, também apresentava certa aproximação com o sindicalismo corporativista, demonstrando apreço pela organização das classes sociais em corporações e propondo uma terceira via ao socialismo e ao liberalismo baseada na harmonia entre as classes.[21]

De acordo com Alexandre Fortes e Antonio Luigi Negro, no modelo corporativista brasileiro, o Estado passou a intervir no movimento sindical a fim de anular os conflitos e a organização autônoma dos trabalhadores. Além disso, fez com que os direitos conquistados pela classe passassem a ser compreendidos como uma concessão do governo.[22] É importante frisar que no sistema corporativo, segundo Marcelo Badaró Mattos, há além da unicidade, do monopólio de representação e da obrigatoriedade do imposto sindical, "o reconhecimento e controle das organizações sindicais pelo Estado, através do Ministério do Trabalho." Além disso, o autor afirma que a partir da legitimação e limitação da ação sindical, "a tutela estatal constitui-se na moldura do sindicalismo corporativista brasileiro".[23]

Por conseguinte, Jessie Jane afirma que "após o Estado Novo, o circulismo se preparou para enfrentar dois inimigos: os comunistas e os trabalhistas". Uma das estratégias do projeto circulista era a de promover educação para operários. Visando incutir os ideais cristãos de moral e ordem na classe trabalhadora, os Círculos Operários tornaram-se responsáveis pela educação do operariado. Jessie Jane destaca, ainda, que na década de 1940 "os

---

[19] *Ibidem*, p. 63 e 73.
[20] DIEHL, Astor Antônio. **Estado Novo: corporativismo e círculos operários**. Estudos Ibero-Americanos, v. 13, n. 1, p. 19-36, 1987.
[21] *Ibidem*, p. 88.
[22] FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. Historiografia, trabalho e cidadania no Brasil. 2002, p. 12.
[23] MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 28.

círculos operários mais importantes constituíram uma rede escolar (primária e secundária), com creches, cursos profissionalizantes e cursos de formação de professores".[24] O intuito do circulismo era educar esses homens e suas respectivas famílias com base nos princípios cristãos e transformá-los em um tipo idealizado de trabalhador, que prioriza a harmonia de classes, em contraponto aos comunistas. Percebe-se uma prática educativa e cultural no movimento circulista, que tinha seu discurso centrado no anticomunismo. Desse modo, o movimento católico iniciou sua atuação no que diz respeito à educação dos trabalhadores, projeto que, posteriormente, ganhou ainda mais força diante do acirramento dos embates travados entre patrões e operários entre o final da década de 1950 e a primeira metade dos anos 1960.

O período que antecedeu o golpe civil-militar de 1964 foi marcado pelo grande acirramento da disputa político-ideológica no país. A Igreja Católica e o movimento sindical exerceram papel de protagonismo nos eventos políticos do período e a polarização, influenciada pela Guerra Fria, estava tão acirrada que a própria Igreja Católica se dividiu entre posições ideológicas. De um lado, havia um setor progressista que se associava a um sindicalismo considerado mais combativo e, de outro, um setor anticomunista, que estava engajado na oposição ao governo de João Goulart. Este último é representado principalmente pelos Círculos Operários Católicos, que ampliaram a sua atuação no movimento sindical a partir da década de 1950 e do já citado acirramento das disputas políticas e ideológicas.

Marcelo Badaró Mattos afirma que entre a segunda metade da década de 1950 e 1964, o movimento sindical passou por um período de ascensão no qual o número de greves aumentou consideravelmente. Além disso, ressalta a participação das entidades sindicais na política e a visibilidade que os sindicatos passaram a ter perante a opinião pública no mesmo período. O autor identifica a presença de diferentes grupos de dirigentes sindicais: os católicos, os renovadores, os nacionalistas e os democráticos. Os católicos eram representados pelos Círculos Operários, enquanto o Movimento de Renovação Sindical (MRS) era

[24] SOUZA, Jessie Jane de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p. 260.

constituído por socialistas críticos ao PCB, os nacionalistas agrupavam comunistas e petebistas de esquerda e os democráticos se agruparam a partir da perda de espaço nas organizações de cúpula da estrutura sindical.[25]

Não obstante, com a intenção de combater a disseminação dos ideais ditos comunistas, o circulismo promovia atividades voltadas à saúde, à cultura e ao lazer, além da educação. Essas práticas de viés assistencialista se estendiam às famílias dos operários e visava aproximá-los dos projetos cristãos das associações circulistas. Nessa perspectiva, a propaganda também foi bastante utilizada pelo projeto da entidade de combate ao comunismo. Posteriormente, a essas propostas de assistencialismo somou-se a educação sindical propriamente dita. Os Círculos Operários passaram a vislumbrar a formação de novas lideranças operárias anticomunistas que pudessem assumir os sindicatos no lugar de líderes de esquerda. Essas lideranças deveriam ter bastante preparo para enfrentar os comunistas que já atuavam nos sindicatos e, por isso, era necessário capacitá-las.

A partir dos anos 1960, com o surgimento do programa estadunidense de ajuda para a América Latina, a Aliança para o Progresso, lançado pelo presidente norte-americano John F. Kennedy em 1962, as ações para conter o avanço da ideologia comunista nos sindicatos brasileiros se intensificaram e, para dar conta desse projeto na América Latina, a central sindical criou o Instituto Americano para Desenvolvimento do Sindicalismo Livre (IADESIL). Contando com os recursos da Aliança para o Progresso, da AFL-CIO – sigla em inglês para Federação Americana do Trabalho e Congresso de Organizações Industriais – e de multinacionais estadunidenses com atuação na América Latina, o IADESIL era responsável pela elaboração de cursos e eventos instrutivos oferecidos aos trabalhadores. Além disso, participava dos chamados "projetos de impacto", que dizem respeito a uma série de programas assistenciais, como construção de conjuntos habitacionais de baixo custo e fornecimento de medicamentos. Esses projetos se assemelham à atuação do movimento circulista, que também se utilizava do assistencialismo para aproximar as classes trabalhadoras.

---

[25] MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil.** São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 25-27.

De acordo com Larissa Rosa Corrêa, os objetivos do IADESIL eram "neutralizar a infiltração comunista a partir da negação da luta de classe" e construir uma "rede de coleta de informação viabilizada pela sua posição dentro dos movimentos trabalhistas da América Latina".[26] Os Círculos Operários comungavam desses mesmos objetivos. Além disso, a partir da década de 1960, o instituto norte-americano reuniu esforços com o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) para conter o avanço da esquerda no Brasil. Ainda segundo a autora, esses institutos estabeleciam alianças com padres em diversas cidades do país, principalmente na região Nordeste.

Assim, os Círculos Operários Católicos começaram a atuar em conjunto com o IADESIL, tal como com o IPES e o IBAD, na organização de seminários e eventos em geral para a instrução de possíveis lideranças sindicais. A principal proposta do projeto sindicalista norte-americano, representado pelo IADESIL e pela AFL-CIO e apoiado pelos Círculos, era a de conter o sindicalismo nacionalista e de esquerda no período que antecedeu o golpe de 1964 e, também, nos primeiros anos da Ditadura Militar. Desse modo, os Círculos Operários se tornaram uns dos atores principais do mundo do trabalho e do cenário nacional, passando a intervir politicamente na organização das entidades sindicais.

Nesse sentido, é possível afirmar que a derrubada de João Goulart, apoiada pelos circulistas, possibilitou de fato a inserção do projeto de cristianização dos trabalhadores no movimento sindical. A instauração do regime autoritário militar abriu espaço para o sindicalismo anticomunista, efetivando a proposta dos Círculos. Entretanto, antes das conspirações para o golpe, ainda na década de 1950, o movimento já investia de maneira mais contundente em escolas de formação sindical que, como será discutido nos próximos capítulos, foram responsáveis por formar líderes católicos anticomunistas.

Uma das figuras mais importantes do circulismo católico é o Padre Pedro Belisário Velloso, que foi um dos líderes do movimento no Rio de Janeiro e reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) nas décadas de

[26] CORRÊA, Larissa Rosa. **Disseram que voltei americanizado. Relações sindicais Brasil e Estados Unidos na Ditadura Militar**. Campinas: editora da Unicamp, 2017, p. 44.

1950 e 1970. Dando continuidade ao projeto educacional anticomunista católico e pensando nas maneiras de conter o sindicalismo de esquerda, Padre Velloso criou a Escola de Líderes Operários (ELO), em 1957. A instituição era vinculada ao Círculo Operário do Rio de Janeiro e à PUC-Rio. Jessie Jane afirma que a ELO, enquanto instituto de formação operária, era financiada por agências internacionais. A autora entende que a instituição foi resultado do amadurecimento das atividades pedagógicas circulistas.[27] Assim, a tradição circulista com a educação passou a ser utilizada como ferramenta anticomunista no mundo do trabalho e a ELO representa a efetivação desse projeto teológico-pedagógico.

Desse modo, é possível afirmar que da década de 1930 para os anos de 1950, os Círculos sofreram alterações na maneira de colocar seu projeto em prática. Ainda visando a contenção do sindicalismo de esquerda e nacionalista, o movimento circulista diminuiu seu caráter assistencialista em detrimento da inserção do avanço da proposta educacional e de formação direta de líderes. Enquanto nos anos da ditadura do "Estado Novo" a estratégia do circulismo era a de incutir os valores cristãos aos trabalhadores por meio de propagandas e relação de assistência, o período que antecedeu o golpe de 1964 foi marcado por ações mais diretas no campo da educação sindical e da intervenção política nas entidades sindicais, com objetivos extremamente políticos, visando principalmente a manutenção do poder da Igreja Católica.

De acordo com a notícia do *Correio Paulistano*, em 1957 havia 320 Círculos Operários Católicos no Brasil e a proposta era duplicar o número.[28] A reportagem traz, também, a declaração de Frei Celso, importante nome do movimento anticomunista católico, que afirmava que os trabalhadores precisavam de apoio e união de forças para conseguir resolver os problemas sociais. O Frei declarou, ainda, que os Círculos defendiam "a harmonia e cooperação de todas as classes, sindicalização, reforma de instituições sociais e da legislação trabalhista,

---

[27] SOUZA, Jessie Jane de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

[28] Movimento sindical: *Campanha para aumentar os Círculos Operários*. **Correio Paulistano**, 17 de setembro de 1957, São Paulo.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_10/38945>. Acesso em 14 de jun. de 2019.

bem como reforma dos costumes". Essa declaração evidencia a proposta circulista de atuar pela harmonia de classes discutida por Jessie Jane e já apresentada anteriormente. Essa proposta é, portanto, contra os ideais comunistas.

O caráter assistencialista do movimento circulista, semelhante ao apresentado pelo IADESIL, fica evidente no discurso do Frei, que além de destacar o oferecimento de cursos de formação, comenta a prática de assistências social e médica, realizadas, por exemplo, através da criação de hospitais e creches, que beneficiam os trabalhadores e suas famílias. O eclesiástico ressalta, também, a importância do circulismo para o apoio dos trabalhadores e defesa de seus direitos, afirmando que a atuação em favor do bem estar coletivo faz parte das bases da Doutrina Social Cristã, a qual os Círculos Operários seguem e devem ser difundidas na sociedade.

A Doutrina Social Cristã é um conjunto de diretrizes católicas confirmadas pela encíclica *Rerum Novarum* e pelos discursos papais. Abordando temas como a liberdade do homem, seus direitos e a promoção da paz, a Doutrina fixa princípios considerados ideais à comunidade cristã. Com base nessas diretrizes, os Círculos Operários Católicos afirmavam a importância de manter a harmonia na sociedade, inclusive entre as classes sociais. Esse discurso era o que legitimava a atuação do catolicismo conservador contra o sindicalismo de esquerda e, sobretudo, a intervenção desse setor nas entidades sindicais, com o argumento de defesa dos direitos dos trabalhadores. A Doutrina, portanto, era a base argumentativa para o projeto político-ideológico circulista e, inclusive, era estudada e interpretada nos seminários e cursos oferecidos pelos Círculos, como será demonstrado nos próximos capítulos.

Os Círculos Operários Católicos ganham destaque para essa discussão, pois, como afirma Corrêa, foram importantes aliados às forças conspiradoras que atuaram no golpe de Estado ao governo de João Goulart. Além disso, a autora também destaca que o modelo seguido pelo circulismo em relação ao papel que o movimento sindical deveria exercer era semelhante àquele previsto pela AFL-CIO, principal entidade sindical dos Estados Unidos da América.[29] Tais

[29] CORRÊA, Larissa Rosa. **Disseram que voltei americanizado. Relações sindicais Brasil e Estados Unidos na Ditadura Militar**. Campinas: editora da Unicamp, 2017.

informações reafirmam que os Círculos Operários estavam diretamente ligados às políticas norte-americanas para as entidades sindicais brasileiras, que foram implementadas principalmente através do IADESIL. Inclusive, o Padre Velloso fazia parte do comitê do Instituto Cultural do Trabalho, que era financiado pela entidade estadunidense.

O Boletim Informativo da Confederação Brasileira de Trabalhadores Cristãos (CBTC) de janeiro e fevereiro de 1976 foi encerrado com a seguinte frase:

> "O crescimento do Movimento Circulista em todos os sentidos está na dependência primordial da FORMAÇÃO DE QUADROS DE DIRIGENTES, DE LÍDERES E DE MILITANTES para atingir os magnos objetivos do MOVIMENTO CIRCULISTA."[30]

Mesmo que escrita após o período analisado nesta discussão, representa o engajamento do circulismo na formação de trabalhadores ativos no movimento sindical. Essa perspectiva evidencia que a instrução desses operários era de extrema relevância para os Círculos, tendo em vista que é considerada primordial para atingir seus objetivos.

1.2 A formação da ELO

"Em moldes americanos a Universidade Católica organiza Escola de Líderes Operários".[31] Este era o título da matéria do Correio da Manhã de 18 de maio de 1957, cerca de um mês antes da inauguração da ELO. A reportagem do jornal afirma que a Escola se baseia no exemplo dos Estados Unidos e que segue modelos didáticos modernos, assim como as escolas norte-americanas. As condições para ingressar nos cursos oferecidos eram ter concluído o ensino primário, apresentar documento de identificação com foto e pagar taxa de

---

[30] CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TRABALHADORES CRISTÃOS. **Boletim informativo n° 36**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, janeiro-fevereiro de 1976.

[31] *Em moldes americanos a Universidade Católica organiza Escola de Líderes Operários*. **Correio da Manhã**, 18 de maio de 1957, Rio de Janeiro.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/76414>. Acesso em 20 de jun. de 2019.

inscrição no valor de 100 cruzeiros. Pode-se perceber, assim, que não eram feitas muitas exigências para a realização da matrícula. Além disso, de acordo com o estatuto da ELO, uma ou mais dessas condições estabelecidas poderiam ser dispensadas dependendo do caso, o que demonstra ainda maior facilidade para ingressar nos cursos oferecidos.

Conforme citado anteriormente, a Escola de Líderes Operários foi fundada em junho de 1957 pelo Padre Velloso, então reitor da PUC-Rio, com a colaboração da Confederação Nacional dos Círculos Operários. Segundo o estatuto da Escola, a finalidade era "dar aos trabalhadores conhecimentos teóricos e práticos, com o objetivo de habilitá-los à liderança social e sindical, de acordo com a Doutrina Social Cristã".[32] Além disso, afirmava-se que a ELO visava fortalecer o sindicalismo autêntico, promover a renovação de valores e orientar novos militantes bem preparados para a formação dos quadros sindicais.[33] Para tanto, a ELO oferecia dois tipos de cursos regulares, os Cursos Populares de Preparação Trabalhista e os Cursos Intensivos de Formação de Líderes, que serão melhor abordados em outro capítulo. O primeiro tipo de curso era realizado em bairros operários, como Penha, Cascadura, Andaraí e Abolição, e tinha duração de dois meses e meio, enquanto o segundo era ministrado na própria universidade pelo período de um mês e meio. É importante frisar que a entidade funcionava como Instituto Complementar da PUC-Rio.[34]

Como dito anteriormente, os cursos não se restringiam ao campus da PUC-Rio, eram oferecidos em diversos bairros operários, em forma de rodízio, o que facilitava a participação de trabalhadores de toda parte da cidade. Cabe ressaltar que na região da Gávea, onde se situa a universidade, havia uma comunidade de moradores, chamada Parque Proletário, até o final da década de 1970.[35] Além da oferta de aulas em regiões próximas aos locais de trabalho, a

---

[32] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Estatuto**. Pasta Reitoria. Núcleo de Memórias. Rio de Janeiro, 1957.

[33] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1964**. Núcleo de Memórias. Rio de Janeiro, 1964, p. 88.

[34] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1964**. Núcleo de Memórias. Rio de Janeiro, 1964, p. 88.

[35] Este conjunto habitacional foi construído em 1942, ao lado da PUC-Rio. A construção que, inicialmente, era para ser uma moradia provisória para populações mais vulneráveis, ficou de pé até 1974, quando houve o processo de remoção. Ver Duarte; 2019.

disposição de cursos em bairros diferentes, somada às facilidades para realizar a matrícula, à disposição de aulas após o horário de trabalho e ao oferecimento de merenda aos alunos por baixos preços evidenciam o projeto da ELO de representar uma entidade popular. Além disso, as informações sobre os cursos, como período de inscrição, horários e locais das aulas, conteúdo programático e as vantagens de realizá-los, eram divulgadas por meio de cartazes, jornais, folhetos, visitas em fábricas e outros meios de propaganda, buscando alcançar o maior número de trabalhadores possível, como mostram as imagens abaixo.

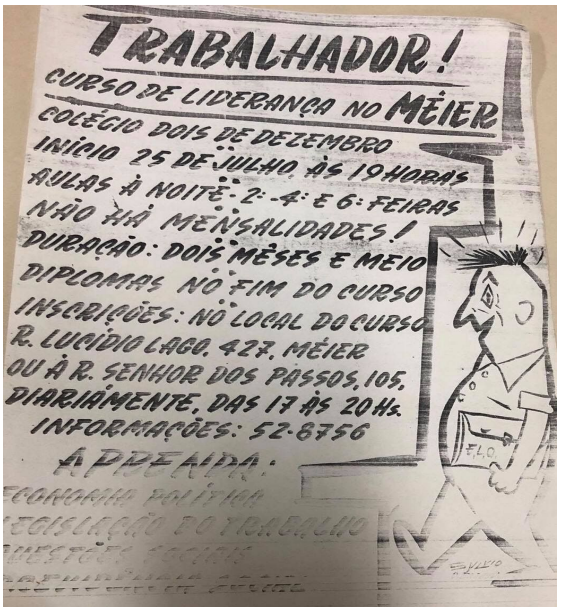


Imagem 2 - Propaganda ELO descontraída. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data.

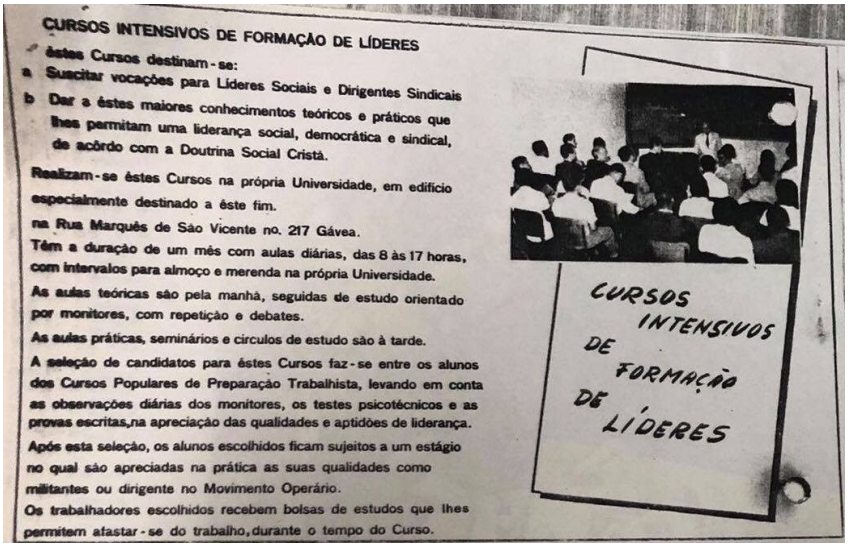


Imagem 3 - Propaganda ELO formal. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data.

As imagens 2 e 3 evidenciam o investimento da instituição em propagandas, que eram distribuídas pelas fábricas e aos trabalhadores da área de serviços e do comércio. A primeira imagem diz respeito a um folheto com característica mais descontraída, em que um trabalhador aparece feliz, carregando uma pasta da ELO e com aparente sinalização de que teve um pensamento ou ideia. Pode-se compreender essa representação como uma tentativa de associar o curso oferecido pela Escola com o esclarecimento desse trabalhador. O texto do folheto é apresentado de maneira bastante sucinta, contendo apenas as informações julgadas mais importantes para chamar a atenção do leitor: um curso de liderança, aulas depois do expediente de trabalho, sem custo com mensalidade, duração curta e recebimento de diploma ao concluir. No final, o folheto sugere, de maneira bastante atrativa, que o trabalhador deve aprender sobre economia política, legislação do trabalho, questões sociais e previdência social.

A segunda imagem, por sua vez, apresenta um conteúdo um pouco mais formal e detalhado que a primeira. De maneira bastante elucidativa e clara, a propaganda indica que os cursos da ELO destinam-se a "suscitar vocações para líderes sindicais e dirigentes sindicais", dando maiores conhecimentos teóricos e práticos para se tornarem líderes, baseado na Doutrina Social da Igreja Católica. O texto do folheto segue com informações bastante detalhadas sobre os cursos. Ambos os panfletos buscam despertar no trabalhador a vontade de se tornar um líder e se preocupam em apresentar o caráter social da ELO, seja ressaltando a ausência de mensalidades ou o oferecimento de merenda e almoço para os alunos. Inclusive, registrou-se, no 10° curso intensivo, realizado em 1962, na Gávea, um gasto de 57.160,00 cruzeiros com pagamento de jantares, merendas, cafés e refeições oferecidas aos alunos, além de 1.005,00 cruzeiros com refrigerante e 24.150,00 com carne, leite e manteiga.[36]

Um levantamento sobre o resultado do uso de propaganda, realizado pela ELO através de declaração na ficha de inscrição, revela que, em um dos cursos de preparação, 3 dos alunos inscritos haviam conhecido o curso por meio de folheto

[36] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Relação de despesas efetuadas com o 10° curso de formação**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1962.

distribuído na porta de fábrica, 1 por aviso durante sessão de cinema, 7 por meio de propaganda de alguma associação de bairro ou esportiva, 8 por folheto ou aviso dado na igreja, 1 por notícia de jornal, 21 por convites realizados por párocos e 2 por cartas recebidas. De acordo com o documento, a finalidade da declaração era melhorar a propaganda dos cursos, visando atingir um bom número de trabalhadores.[37]

O uso de propagandas é bastante característico do movimento circulista e, também, do projeto norte-americano para os sindicatos brasileiros. Sem dúvidas, era fundamental para divulgar a proposta da Escola, mas era utilizado principalmente para demonstrar como a Igreja Católica estava atuando em relação aos trabalhadores. As propagandas, portanto, eram de suma importância para corroborar com a ideia de que os Círculos Operários Católicos priorizavam as classes trabalhadoras e visavam ajudá-las a conhecer e defender seus direitos, assim como aprender quais eram seus deveres. Dessa forma, tornava-se mais fácil agregar trabalhadores ao movimento circulista.

Não obstante, desde a sua inauguração, a Escola se organizava de maneira clara e coesa, conforme previa o seu estatuto. A diretoria era composta por um diretor presidente, um diretor assistente e três conselheiros, que representavam o Instituto de Estudos Políticos e Sociais da PUC, a Confederação Nacional dos Círculos Operários e a Escola de Serviço Social da PUC. Os diretores eram nomeados pela reitoria da universidade, enquanto os conselheiros eram indicados pelas respectivas instituições que representavam. Além disso, compunham a organização uma secretaria geral e o corpo docente, formado por professores e monitores. Os alunos passavam por avaliações orais e escritas, faziam debates e elaboravam relatórios, além de testes de capacidade e contagem de faltas para receberem o certificado de conclusão dos cursos. A nota média de aproveitamento para aprovação era 5. Vide imagem referente ao diploma oferecido após a conclusão:

---

[37] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Levantamento de resultado da propaganda - por declaração em ficha de inscrição.**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1963, p. 2.

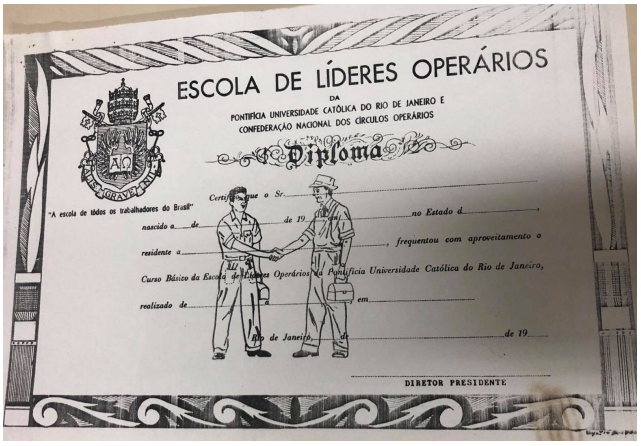


Imagem 4 - Cópia do diploma da ELO. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de janeiro, sem data.

Tendo em vista as diretrizes iniciais de funcionamento da ELO, citadas acima, é possível perceber que a instituição, que funcionava como Instituto Complementar da PUC-Rio, estava diretamente ligada aos projetos do Círculo Operário Católico do Rio de Janeiro, que utilizavam a educação como instrumento para a contenção do comunismo no movimento sindical. Nesse sentido, é possível afirmar que a ELO era o que relacionava de maneira mais determinante e direta o circulismo católico ao sindicalismo propriamente dito. Essa articulação era dada por meio da formação dos líderes, que eram preparados com base nas perspectivas circulistas e, então, atuavam nos sindicatos.

Além de preparar os trabalhadores para assumir posições de liderança nos Círculos Operários e nos sindicatos, o intuito da Escola era "estender a cultura"[38] a eles, tal como a proposta inicial circulista. É importante ressaltar que o discurso de levar cultura aos trabalhadores, assim como o de proporcionar lazer e saúde, por exemplo, diz respeito a uma tentativa de aproximação das instituições católicas com a classe trabalhadora e expressa um viés extremamente paternalista. Essa aproximação era uma estratégia fundamental para atrair esses trabalhadores e, principalmente, engaja-los no projeto circulista de combate aos conflitos de classe e estreitamento da relação entre operários e patrões.

[38] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1964**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1964, p. 83.

Esse modelo faz parte de uma articulação política e de interesse por parte da Igreja Católica, que utiliza os projetos de assistencialismo para aproximar os trabalhadores e difundir os ideais da Doutrina Social Cristã. Através do oferecimento de cursos, atividades de lazer e assistência de saúde, os Círculos Operários estabelecem relação de influência com as classes trabalhadoras e suas famílias. Não podemos, portanto, deixar de observar os interesses políticos por trás do oferecimento de educação sindical quase gratuita. Os cursos formavam lideranças para atuar a favor das inclinações circulistas, de modo a representar suas ambições em relação ao movimento sindical, baseados nos preceitos católicos e no vislumbre de restaurar a ordem social cristã no país.

Tal projeto, que prioriza a harmonia entre as diferentes classes sociais, vai ao encontro da proposta norte-americana que defendia um sindicalismo neutro e apolítico. A formação da ELO, portanto, era de lideranças operárias não combativas, capazes de atuar conforme os interesses dos patrões e da lógica produtiva capitalista. Para o regime militar que entrou em vigor em 1964, essas lideranças eram ideais, tendo em vista que tendiam a não oferecer qualquer tipo de resistência política e ideológica. Além disso, seriam fundamentais para inibir o avanço dos ideais comunistas dentro dos sindicatos e conter a oposição. Conforme Corrêa ressalta, o intuito do projeto norte-americano era despolitizar o movimento sindical[39] e, como discutido anteriormente, sua concepção sobre o papel do sindicalismo era baseada naquela defendida pela AFL-CIO. Por isso, a Escola de Líderes Operários é agente de grande importância do período que antecede o golpe e, também, do governo autoritário.

Esta importância é dada principalmente pelo fato de que na década de 1950, segundo Marco Aurélio Santana, o movimento sindical ligado às militâncias comunistas e trabalhistas, ampliou sua mobilização e, consequentemente, a participação dos trabalhadores na política nacional.[40] Fortemente mobilizados, os trabalhadores comunistas exerciam grande pressão nos patrões e no governo,

---

[39] CORRÊA, Larissa Rosa. **Disseram que voltei americanizado. Relações sindicais Brasil e Estados Unidos na Ditadura Militar**. Campinas: editora da Unicamp, 2017.

[40] SANTANA, Marco Aurélio. "Ditadura Militar e resistência operária: o movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática". Revista Política & Sociedade, n. 13, outubro de 2008, pp. 279-309.

representando o movimento sindical como agente fundamental das decisões políticas brasileiras. Intimamente ligado aos ideais trabalhistas, esse movimento estava extremamente estruturado e organizado. Assim, tornava-se fundamental para o interesse norte-americano e dos conspiradores de João Goulart apresentar uma oposição à força desses sindicalistas. A Escola de Líderes Operários, então, viabiliza tal necessidade por meio da formação de lideranças anticomunistas.

A preparação desses trabalhadores era indispensável para que fosse possível atuarem de maneira contundente nos sindicatos, tendo em vista que os líderes de esquerda já estavam extremamente mobilizados e articulados dentro do movimento. Os alunos da ELO eram capacitados para, além de disputar os espaços de liderança com os sindicalistas ligados aos ideais ditos comunistas, serem capazes de propagar os princípios do movimento circulista, baseados na Doutrina Cristã, nesses espaços. A disputa entre trabalhadores cristãos e comunistas era, então, travada nos campos político e ideológico e na busca por espaços nas entidades sindicais, o que se resumia em disputas nas eleições internas para ocupar as diretorias dos sindicatos. Nessa perspectiva, torna-se indispensável analisar os cursos e as atividades oferecidos pela ELO, assim como seu funcionamento rotineiro, visando compreender de maneira mais contundente como ocorria essa formação sindical, como a escola se organizava e o que era ensinado em suas aulas. O próximo capítulo, portanto, será destinado a tal discussão.

Capítulo 2 - Caminhos e descaminhos da ELO

O anuário de 1958 da PUC-Rio afirmava que a ELO visava "preparar uma elite de líderes operários para atuar no próprio seio da classe trabalhadora".[41] É possível inferir que o que a instituição considera como uma elite de líderes operários diz respeito àqueles que estão alinhados às diretrizes cristãs. O anuário apresenta, então, a aula inaugural daquele ano, onde afirma que o fato de o professor que proferiu a aula inaugural dos cursos da PUC ser de Serviço Social, evidencia a preocupação da Universidade com os problemas sociais. Relaciona, inclusive, o Serviço Social ao respeito à dignidade humana e à "consciência cristã". No mais, o texto discorre sobre a "humanização das estruturas sociais", questão que dá título à aula, e afirma que "despertar o amor à verdade e à fraternidade" seria a vocação da Universidade Católica.[42]

Por conseguinte, um dos programas sobre a formação sindical na ELO afirmava que a premissa da escola deveria ser "atender em primeiro lugar ao trabalhador, sua experiência e sua responsabilidade na vida sindical"[43] e que o processo de formação deveria ser elaborado pensando na realidade de cada trabalhador. Por isso, o ensino foi dividido em dois graus distintos. O primeiro, referente ao curso de preparação trabalhista – onde apenas 40% dos trabalhadores eram sindicalizados e a maioria não possuía responsabilidades sindicais – tinha como objetivo a militância sindical, além de fazer com que os profissionais que não eram sindicalizados se sindicalizassem. O segundo grau, referente ao curso de formação de líderes – no qual os trabalhadores geralmente já eram militantes sindicais – tinha como objetivo a formação para a atuação no sindicato como dirigente sindical, por isso abordava, sobretudo, problemas sindicais de estrutura e de posições na política sindical. De acordo com o documento, era mais comum que os trabalhadores que já possuíam algumas responsabilidades sindicais se

---

[41] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1958**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1958, p. 202.
[42] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1958**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1958, p. 208-219.
[43] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Formação sindical na ELO**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, sem data, p. 1.

matriculassem em cursos com sede nos próprios sindicatos e não em cursos de bairro, como o de base.[44] Cabe ressaltar que, na perspectiva da ELO, militante sindical é aquele que "participa da vida da associação, faz parte do movimento", dirigente é "o que dirige, chefe", ativista é aquele que é atuante e líder é "aquele que é capaz de assimilar, aprender ideias, conhecimentos e transmiti-los".[45]

Além disso, o programa afirmava a necessidade de que o curso de base fizesse uma ligação entre as aulas de sindicalismo e a ação sindical propriamente dita. Sugere, inclusive, alguns trabalhos práticos, como levar os alunos a alguma ação sindical e estimular que compartilhassem suas experiências pessoais, opiniões e acontecimentos da vida sindical. Por fim, o programa apresentava opções de discussão em aula sobre os sindicatos e sua organização, a função do militante sindical e do delegado sindical, conflitos na empresa, eleições sindicais e reuniões: a importância do sindicato para a promoção dos trabalhadores, para a valorização do trabalho e para a solução de problemas econômicos e sociais do país, tal como sua missão de defesa, representação, educação, sua definição jurídica, estrutura do sindicalismo brasileiro no momento e filiação internacional, por exemplo. Assim, é possível perceber que para além de aulas teóricas sobre sindicalismo e liderança, a Escola de Líderes Operários tinha uma grande preocupação em preparar os alunos para situações corriqueiras do movimento sindical a partir de experiências práticas, tornando-os o mais capacitados possível.

Em outro documento, o anuário de 1964 da PUC-Rio, afirma-se que os Cursos Populares de Preparação Trabalhista visavam "suscitar vocação para militantes trabalhistas, principalmente sindicais", "dar a êsses militantes conhecimentos teóricos e práticos que lhes permitam uma ação social, democrática e sindical, de acôrdo com a doutrina social cristã" e "selecionar alunos para os Cursos Intensivos de Formação de Líderes".[46] Estes, por sua vez, visavam "suscitar vocações para líderes Sociais e Dirigentes Sindicais" e "dar a

---

[44] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Formação sindical na ELO**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, sem data, p. 1-2.

[45] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **II - A promoção da classe operária requer: dirigentes, militantes, ativistas, líderes**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data.

[46] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1964**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1964, p. 84.

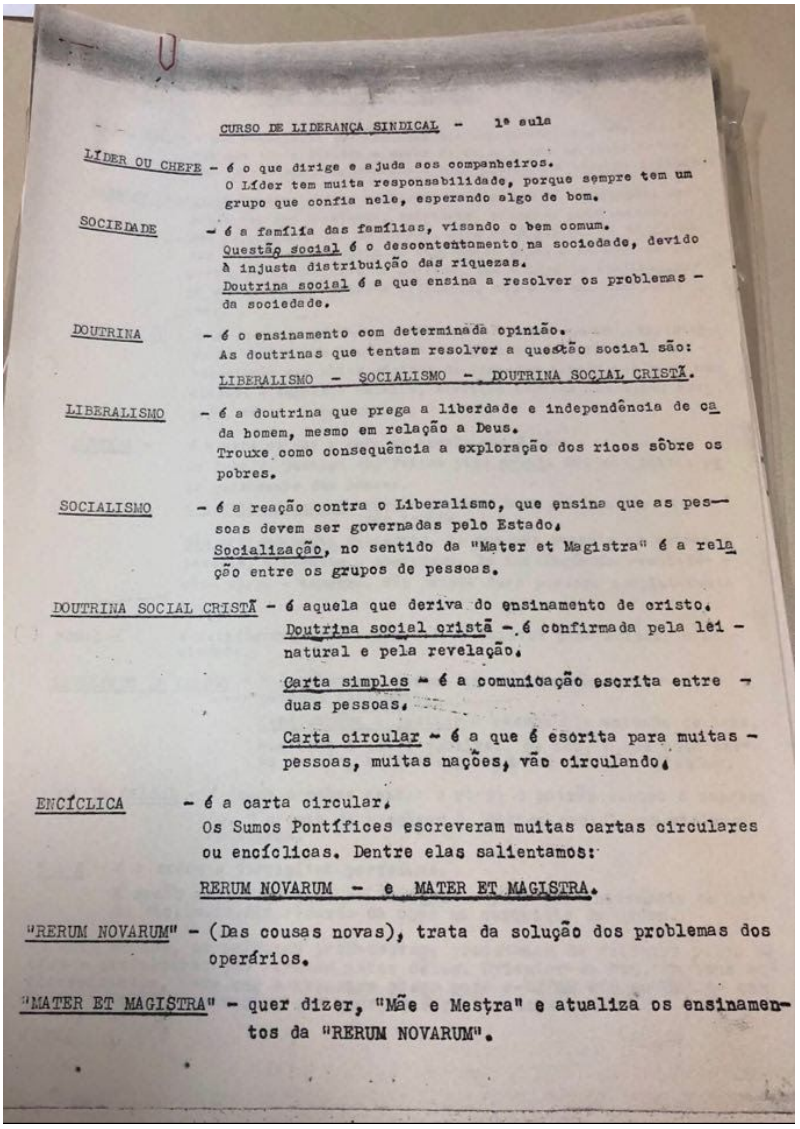
êstes trabalhadores maiores conhecimentos teóricos e práticos que lhes permitam uma liderança social, democrática e sindical, de acôrdo com a doutrina cristã".[47] Percebe-se, assim, que os cursos tinham propostas diferentes entre si, porém possuíam a mesma base pedagógica: enquanto os cursos de preparação trabalhista pretendiam formar militantes sindicais, os cursos de formação de líderes, como o próprio nome sugere, buscavam formar líderes e dirigentes sindicais, mas ambos eram baseados na Doutrina Católica.

2.1. Como formar um líder sindical?

A maioria das aulas de ambos os cursos tinham material de apoio preparado previamente, que eram distribuídos para os alunos. A título de ilustração, pode-se citar a 1ª aula de um dos cursos de liderança sindical, que trazia a definição de alguns termos para ser discutida em sala. Entre as definições do plano de aula, destaca-se: "líder ou chefe é o que dirige e ajuda aos companheiros; o líder tem muita responsabilidade, porque sempre tem um grupo que confia nele, esperando algo de bom", "doutrina social cristã é aquela que deriva do ensinamento de cristo" e "Rerum Novarum (das cousas novas), trata da solução dos problemas dos operários".[48] É possível perceber, além da exaltação do papel de um líder, um grande alinhamento ideológico com as diretrizes defendidas pelos Círculos Operários de seguimento da Doutrina Social Cristã e, sobretudo, da Encíclica *Rerum Novarum*, que prezava pela cristianização da classe operária. Ancorado na Doutrina Social, o material das aulas, ainda no início do curso, reforçava uma posição contrária ao socialismo e, também, ao liberalismo, apresentando a cristianização da classe operária como solução viável, uma terceira via, como pode-se perceber na imagem abaixo:

---

[47] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1964**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1964, p. 85.
[48] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Curso de liderança sindical – 1ª aula**. Rio de Janeiro, sem data, p 1.



CURSO DE LIDERANÇA SINDICAL - 1ª aula

LÍDER OU CHEFE - é o que dirige e ajuda aos companheiros.
O Líder tem muita responsabilidade, porque sempre tem um grupo que confia nele, esperando algo de bom.

SOCIEDADE - é a família das famílias, visando o bem comum.
Questão social é o descontentamento na sociedade, devido à injusta distribuição das riquezas.
Doutrina social é a que ensina a resolver os problemas da sociedade.

DOUTRINA - é o ensinamento com determinada opinião.
As doutrinas que tentam resolver a questão social são:
LIBERALISMO - SOCIALISMO - DOUTRINA SOCIAL CRISTÃ.

LIBERALISMO - é a doutrina que prega a liberdade e independência de cada homem, mesmo em relação a Deus.
Trouxe como consequência a exploração dos ricos sôbre os pobres.

SOCIALISMO - é a reação contra o Liberalismo, que ensina que as pessoas devem ser governadas pelo Estado.
Socialização, no sentido da "Mater et Magistra" é a relação entre os grupos de pessoas.

DOUTRINA SOCIAL CRISTÃ - é aquela que deriva do ensinamento de cristo.
Doutrina social cristã - é confirmada pela lei natural e pela revelação.

Carta simples - é a comunicação escrita entre duas pessoas.

Carta circular - é a que é escrita para muitas pessoas, muitas nações, vão circulando.

ENCÍCLICA - é a carta circular.
Os Sumos Pontífices escreveram muitas cartas circulares ou encíclicas. Dentre elas salientamos:
RERUM NOVARUM - e MATER ET MAGISTRA.

"RERUM NOVARUM" - (Das cousas novas), trata da solução dos problemas dos operários.

"MATER ET MAGISTRA" - quer dizer, "Mãe e Mestra" e atualiza os ensinamentos da "RERUM NOVARUM".

Imagem 5 - Curso de liderança sindical: 1ª aula. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data.

Desse modo, a 2ª aula do mesmo curso traz outras definições, como a de sindicato, associação, justiça, moral e paz. Chama a atenção a definição de luta de classes, apresentada como a ação de "jogar o pobre contra o rico, o patrão contra o empregado" e "o meio de resolver a justiça social com violência ou brigas."[49] Essa definição traz à luz novamente a premissa dos Círculos Operários Católicos, já citada anteriormente, de incentivar a harmonia entre as classes sociais, considerando a luta de classes como uma forma de violência e sua contundente

[49] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Curso de liderança sindical – 2ª aula**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data.

posição anticomunista. Mais uma vez, a influência teológica-política circulista fica evidenciada no projeto pedagógico de formação de líderes pela ELO.

A apostila n° 2 de um dos cursos de formação versa sobre liderança, apresentada no material didático como um ideal democrático, em que o líder ganha a adesão dos companheiros por suas qualidades pessoais e torna-se porta-voz de suas aspirações. Afirma que as virtudes necessárias precisam ser adquiridas a partir de treinamento, mas que as qualidades esperadas de um líder já são inerentes a ele. A apostila traz, então, "o triângulo da liderança", um esquema didático que compreende as três características pessoais que um líder deve ter: personalidade, conhecimentos e habilidades.[50]

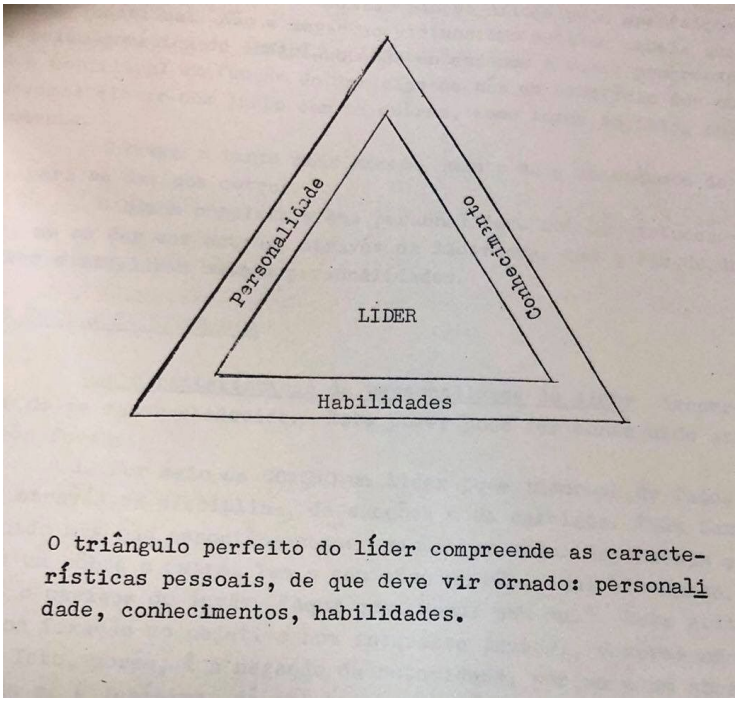


Imagem 6 - Triângulo da liderança. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data.

Essas três características são descritas de maneira bastante detalhada nas páginas seguintes da apostila, considerando diversos panoramas diferentes em que um líder pode precisar atuar, com a intenção de preparar os alunos para todo tipo de situação que poderiam enfrentar em seu futuro como líderes sindicais. De acordo com o material, o líder pode se fazer obedecido por meio da coação, da

[50] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Apostila n° 2 – Liderança**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data, p. 1-13.

sugestão ou da persuasão, que devem ser utilizadas de maneira intercalada de acordo com as exigências do momento, porém deixando prevalecer a persuasão. A apostila considera que a coação é quando o líder se impõe de fato, utilizando sanções e castigos para dominar. Pela sugestão o líder é obedecido porque apela para os sentimentos do indivíduo. Já através da persuasão, considerada como a forma mais eficiente, o líder deve utilizar o raciocínio e gerar convicção nos demais.[51] O material didático afirma, ainda, que sempre há um membro que se destaca, é ouvido e imitado, é aceito e sugestiona: um líder natural. Assim, em uma fábrica, um operário pode ser, inclusive, mais respeitado e mais ouvido pelos demais operários do que seu supervisor ou gerente. Esse "líder personalidade" possui, segundo o conteúdo da apostila, dotes especiais inerentes: "governar e organizar ideias e lutas de natureza moral, filosófica e religiosa, dirigir campanhas de agressão e defesa a bem do grupo, sugerir e executar medidas que consultem as necessidades da vida social."[52] Entre os dons inatos e os que o líder deve adquirir estão: coragem, inteligência, objetividade, decisão, autocontrole, espírito de equipe, interesse e entusiasmo, dinamismo e engenhosidade, saúde física e equilíbrio psíquico.

Além dessas, aulas com temáticas sobre a formação da classe operária, tal como a cristianização da mesma, temas como a relação da Igreja Católica e o movimento sindical, métodos de oratória e circulismo católico também faziam parte dos cursos da ELO. Pode-se citar, a título de ilustração, a aula sobre Circulismo, ministrada pelo Padre Velloso no curso intensivo de formação da Gávea, dividida em seções que discutem sobre o movimento operário cristão, os objetivos do circulismo e o método circulista, por exemplo, além de como planejar e dirigir uma assembleia e reuniões gerais.[53] Percebe-se, mais uma vez, que além de vislumbrar a formação de lideranças, a proposta pedagógica da ELO também era permeada pelos ensinamentos sobre as diretrizes do sindicalismo católico e sobre a Doutrina Social.

---

[51] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Apostila n° 2 – Liderança**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data, p. 4.
[52] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Apostila n° 2 – Liderança**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data, p.5.
[53] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Cursos intensivos de formação - Gávea: Programa**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data, p. 1-3.

Nesse sentido, a aula de oratória ministrada pelo professor Luiz Ernani Torres da Costa e Silva no curso de formação também chama a atenção. No material utilizado para a aula, o discurso oratório é definido como "o conjunto de ideias, argumentos ou motivos, dirigidos para obter um determinado fim de um determinado grupo de pessoas", que tem eficácia proporcional àquilo que se diz e à força com que se diz.[54] Considera-se que o tom psíquico do orador é o modo de estar psicológico ao proferir o discurso oratório e que esse pode ser conciliador, grandiloquente, combativo ou lírico. Por fim, o programa de aula indica como deve ser a tonalidade da voz do orador em determinadas situações: na discussão, firme; na exposição, simples; na ameaça, terrível; na súplica, doce e submissa; e na descrição, solene.[55] Esse exemplo evidencia a tentativa de fazer com que os alunos formados pela ELO soubessem se portar como líderes, aprendendo, inclusive, como utilizar da fala para se promover, adequando-a a cada momento específico, a fim de impor respeito e despertar confiança nos demais operários.

De acordo com a tabela de avaliação e progresso do curso de Cascadura, na Zona Norte do Rio de Janeiro, os alunos eram avaliados a partir de alguns itens: direção, inteligência, participação, personalidade e simpatia. Cada um desses itens eram divididos em subitens: a avaliação da direção contava com análise de espírito democrático, imparcialidade, senso de organização e tato e habilidade; a avaliação da inteligência considerava aquisição, conservação, elaboração e expressão; a avaliação da participação considerava a assiduidade, entusiasmo, interesse e prestabilidade; a avaliação da personalidade considerava coragem, dinamismo, equilíbrio emocional e responsabilidade; e a avaliação da simpatia considerava atração, cordialidade, insinuação e sociabilidade.[56]

Os pontos atribuídos a cada subitem eram de 0 – negativo – à 8, muito bom. Entre o 0 e o 8 eram atribuídas notas pares, sendo o 2 equivalente a indiferente, o 4 a regular e o 6 a bom. Depois, as notas dos subitens eram

---

[54] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Cursos intensivos de formação - Oratória**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data, p. 1.

[55] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Cursos intensivos de formação - Oratória**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data**,** p. 3.

[56] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Tabela de avaliação e progresso.** Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, 1 de julho de 1957 – 29 de setembro de 1957, p. 1

somadas, gerando uma nota para cada item (direção, inteligência, participação, personalidade e simpatia), que entre 0 e 6 significava negativo, entre 8 e 14 era equivalente a indiferente, entre 16 e 22 a regular, entre 24 e 30 equivalente a bom e 32 significava muito bom. Por fim, as notas dos itens eram somadas e o total recebia as mesmas definições: 0 à 30 pontos, negativo; 32 à 70, indiferente; 72 à 110, regular; 112 à 150, bom; 152 à 160, muito bom.[57]

Em anexo à tabela de avaliação e progresso, a Escola de Líderes Operários fornecia informações sobre todos os critérios de avaliação. No item direção, para avaliação do espírito democrático considerava-se respeito e tolerância para com as opiniões alheias, não ser dominador, compreensão dos motivos do comportamento alheio e dar oportunidade igual a todos; para a avaliação da imparcialidade considerava-se a ausência de preconceitos; para o senso de organização levava-se em conta planejamento, distribuição de tarefas e controle; para tato e habilidade considerava-se orientação, iniciar uma atividade e mantê-la viva, capacidade de obter cooperação, senso de oportunidade e estimular os membros mais tímidos. No item inteligência, a aquisição era avaliada a partir da percepção e da astúcia mental; a conservação avaliava a memorização e a utilização; a elaboração contava com a análise da associação de ideias, imaginação, generalização, juízo e raciocínio; e a expressão analisava lógica, argumentação, poder de persuasão, domínio de pensamento e agilidade mental.

No item participação, assiduidade contava com frequência, atenção e pontualidade; entusiasmo avaliava otimismo sadio, ideal e fé; interesse levava em conta intervenção, apresentação de ideais e temas, sugestões, opiniões, informações e tomar parte ativa; prestabilidade analisava senso de cooperação, espírito de sacrifício, humildade, espírito de doação e senso de bem comum. No item personalidade, o equilíbrio emocional analisava a ausência de sintomas de desajustamentos e a capacidade de suportar desilusões e frustrações; a responsabilidade considerava escrúpulo, auto-policiamento e sinceridade; a coragem estava relacionada à coragem de distribuir, assumir e manter

[57] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Tabela de avaliação e progresso.** Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, 1 de julho de 1957 – 29 de setembro de 1957, p. 1.

responsabilidades, de defender seus pontos de vista e à firmeza; e o dinamismo avaliava perseverança, iniciativa, espírito de luta, energia, decisão e força de vontade. Por fim, no item simpatia, a atração levava em consideração mística pessoal e aptidão para fazer admiradores; a cordialidade considerava delicadeza, amabilidade e cortesia; a insinuação analisava a capacidade de influenciar e capacidade de inspirar confiança; e a sociabilidade considerava o bom humor e a aptidão para estabelecer relações satisfatórias.[58]

A programação e horário do curso intensivo de formação, ministrado entre 19 de novembro e 1 de dezembro de 1962, indica que as aulas eram oferecidas de segunda a sábado, entre 8h da manhã e 17h da tarde. Devido ao horário das aulas, que coincidia com o expediente de trabalho, os trabalhadores selecionados recebiam uma bolsa de estudos que os permitia se afastar do emprego durante o tempo do curso.[59] A programação da primeira semana previa aulas sobre vida econômica, evolução do trabalho, aspectos sociais da realidade brasileira, valor e preço, aspectos doutrinários e sociais do trabalho, sobre a moeda, uso e propriedade dos bens, estudos e debates sobre problemas salariais, comércio exterior, distribuição de renda, promoção operária, desenvolvimento econômico e promoção social e reforma de empresa.[60] Os temas das disciplinas não deixam dúvidas acerca da proposta pedagógica da ELO de instruir os trabalhadores em relação às questões ligadas à economia e ao trabalho, assim como prepará-los para possíveis debates sobre salário, renda e propriedade, buscando torná-los aptos para enfrentar todos os desafios do movimento sindical.

Ademais, a ELO também realizava um teste psicológico com os alunos, que era elaborado pelo Instituto de Psicologia da PUC-Rio. O formulário, que deveria ser preenchido pelos alunos, era iniciado com um quadro explicativo, informando que a intenção não era testar a inteligência ou cultura geral dos alunos, mas sim indicar a maneira de agir em determinadas circunstâncias. Abaixo

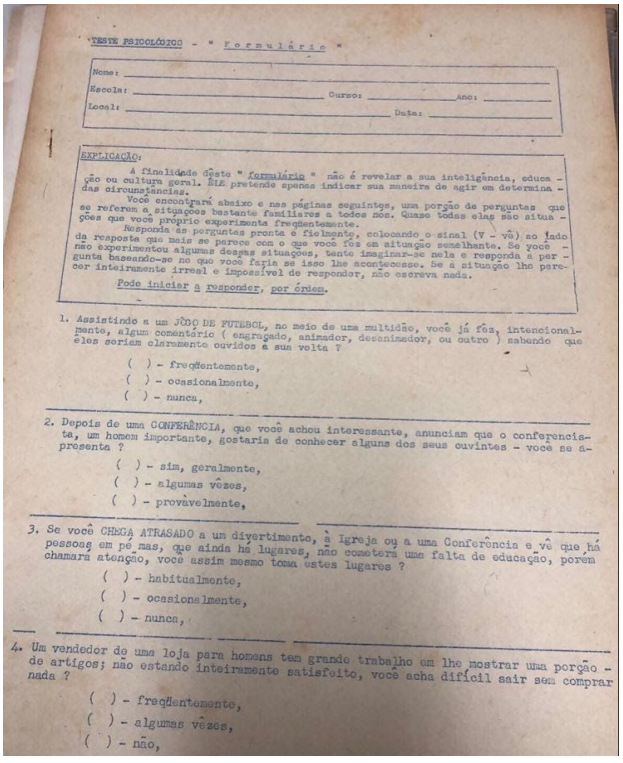
---

[58] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Tabela de avaliação e progresso.** Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, 1 de julho de 1957 – 29 de setembro de 1957,, p. 2-3.

[59] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1959**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1959, p. 219.

[60] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Curso intensivo de formação - Horário primeira semana.** Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, 1962, p. 1.

do quadro seguem as perguntas referentes a situações corriqueiras, que visavam compreender qual seria a atitude em cada uma dessas situações. Os alunos deveriam assinalar com "V" a alternativa que mais se assemelhasse com o que faria em situação semelhante. Pode-se citar, a título de ilustração, a pergunta de número 2: "Depois de uma conferência, que você achou interessante, anunciam que o conferencista, um homem importante, gostaria de conhecer alguns dos seus ouvintes - você se apresenta?", cujas alternativas de respostas eram "sim, geralmente", "algumas vezes" e "provavelmente". A pergunta de número 9 também merece atenção nesse caso, visto que elucida uma tentativa clara de compreender se os alunos estavam aptos para atuar em sindicatos: "Você fica nervoso ou constrangido na presença de um homem importante como, por exemplo, o presidente de uma grande companhia?".[61] Assim como as perguntas citadas, as demais também eram direcionadas a saber se os alunos tomariam a frente das situações e se agiriam como líderes ou exerceriam comportamentos mais passivos, vide imagem a seguir.



"TESTE PSICOLÓGICO" - " Formulário "

Nome: _____

Escola: _____ Curso: _____ Ano: _____

Local: _____ Data: _____

EXPLICAÇÃO:

A finalidade dêste " formulário " não é revelar a sua inteligência, educação ou cultura geral. ELE pretende apenas indicar sua maneira de agir em determinadas circunstâncias.

Você encontrará abaixo e nas páginas seguintes, uma porção de perguntas que se referem a situações bastante familiares a todos nós. Quase todas elas são situações que você próprio experimenta freqüentemente.

Responda as perguntas pronta e fielmente, colocando o sinal (V - vê) ao lado da resposta que mais se parece com o que você fêz em situação semelhante. Se você não experimentou algumas destas situações, tente imaginar-se nela e responda a pergunta baseando-se no que você faria se isso lhe acontecesse. Se a situação lhe parecer inteiramente irreal e impossível de responder, não escreva nada.

Pode iniciar a responder, por ordem.

1. Assistindo a um JÔGO DE FUTEBOL, no meio de uma multidão, você já fêz, intencionalmente, algum comentário (engraçado, animador, desanimador, ou outro) sabendo que êles seriam claramente ouvidos à sua volta ?

( ) - freqüentemente,
( ) - ocasionalmente,
( ) - nunca,

2. Depois de uma CONFERÊNCIA, que você achou interessante, anunciam que o conferencista, um homem importante, gostaria de conhecer alguns dos seus ouvintes - você se apresenta ?

( ) - sim, geralmente,
( ) - algumas vêzes,
( ) - provàvelmente,

3. Se você CHEGA ATRASADO a um divertimento, à Igreja ou a uma Conferência e vê que há pessoas em pé mas, que ainda há lugares, não cometerá uma falta de educação, porem chamará atenção, você assim mesmo toma estes lugares ?

( ) - habitualmente,
( ) - ocasionalmente,
( ) - nunca,

4. Um vendedor de uma loja para homens tem grande trabalho em lhe mostrar uma porção de artigos; não estando inteiramente satisfeito, você acha difícil sair sem comprar nada ?

( ) - freqüentemente,
( ) - algumas vêzes,
( ) - não,

Imagem 7 - Teste psicológico. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data, p.1.

[61] ESCOLA DE LÍDERES OPERÁRIOS. **Teste psicológico: Formulário.** Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de janeiro, sem data, p. 1-4.

O documento revela que a finalidade da realização do teste psicológico era compreender a maneira de agir dos candidatos em situações comuns, principalmente no ambiente de trabalho. Pode-se afirmar, com base na análise das perguntas do teste e pelo fato de que este era utilizado para filtrar a entrada de alunos na Escola Líderes Operários, que esta era uma maneira de mapear os alunos que tinham o que a entidade considerava como atributos de um líder. Como dito anteriormente, o projeto pedagógico da ELO partia do pressuposto de que um líder nasce com qualidades mínimas indispensáveis para poder liderar. Assim, a Escola seria apenas responsável por desenvolver nesses líderes as qualidades que estariam latentes, dando a formação necessária para que ocupassem os cargos de liderança. Nesse sentido, vislumbrava descobrir líderes em potencial para aperfeiçoá-los e, portanto, o teste psicológico aplicado a esses indivíduos era a maneira efetiva de descobri-los.

Em 1958, a ELO realizou quatro vezes o curso básico de preparação trabalhista, que tiveram no total 201 inscritos, dos quais 114 receberam certificado de conclusão. Os registros mostram que a maioria dos alunos tinha entre 20 e 40 anos e eram casados. Além disso, percebe-se que, na maioria dos cursos realizados, em média a metade dos inscritos desistiram antes de concluir. Nesses quatro cursos realizados em 1958, as matérias lecionadas foram economia política, legislação do trabalho, história do Brasil, geografia do Brasil, relações humanas, previdência social, matemática, português e questões sociais. No mesmo ano foram oferecidas três vezes o curso de formação de líderes. Entre os alunos formados no curso básico de preparação, alguns foram selecionados para o de formação. A seleção foi feita a partir de três testes psicológicos, das notas das provas e das observações dos monitores, tendo sido selecionados os 42 alunos que apresentaram maiores qualidades de liderança. As matérias lecionadas foram economia política, direito constitucional, legislação do trabalho, direito administrativo, sindicalismo, política, oratória, questões sociais, contabilidade, pesquisas sociais, marxismo e comunismo, ética profissional, jornalismo e previdência social, além das aulas práticas de liderança de reuniões, liderança de

assembleias, militância e problemas operários.[62] Ao final de 1964, ano do golpe civil-militar, a Escola de Líderes Operários registrava a realização de quatro Cursos de Preparação por ano e de um total de 28 cursos em diversos bairros do Rio de Janeiro. O número de alunos que havia recebido certificado de conclusão até então era 735.[63]

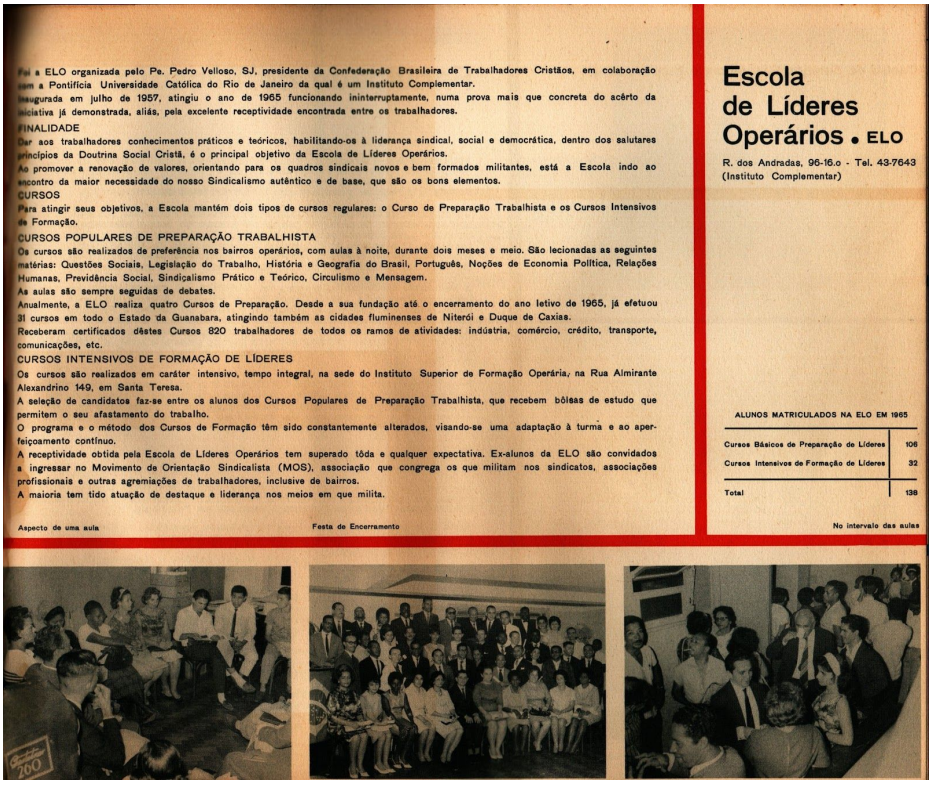
A relevância da ELO no movimento sindical torna-se inegável após a apresentação dos resultados, que eram registrados nos anuários da PUC-Rio. Já em 1958, um ano após a fundação da ELO, registrou-se a presença de grupos de ex-alunos da ELO exercendo trabalho de militância nos seus sindicatos. Os sindicatos dos têxteis, dos marceneiros e dos carris urbanos são exemplos de onde esses grupos estavam atuando. O anuário exaltou, orgulhosamente, que Moacyr da Costa Ferreira, ex-aluno das primeiras turmas do curso de preparação e do curso de formação, tornou-se vice-presidente do Sindicato dos Empregados em Casas de Minérios de Combustíveis e que Waldomiro Balbino da Silva, também ex-aluno, foi eleito como suplente de um dos membros da diretoria do Sindicato dos Ascensoristas.[64]

Em 1959, registra-se a atuação intensa de ex-alunos em Círculos Operários e sindicatos. Muitos Círculos no país estavam sendo dirigidos por líderes formados na ELO, de acordo com o anuário. O documento orgulha-se, também, da criação do Movimento de Orientação Sindicalista (MOS) por ex-alunos no Rio de Janeiro, então capital do país. De acordo com o texto do anuário, o movimento se destinava a orientar e apoiar a ação dos ex-alunos enquanto militantes sindicais com base na Doutrina Social Cristã e já estava agindo nos Sindicatos dos Metalúrgicos, dos Marceneiros, Têxteis, Sapateiros, Portuários, Ferroviários, Comerciários, Bancários, Conferentes do Porto, Combustíveis Minerais, Carris Urbanos e Motoristas Autônomos. Alguns desses sindicatos estavam sendo dirigidos por sócios do MOS.[65] Sabe-se que o Movimento de Orientação

---

[62] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1958**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1958, p. 202-207.
[63] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1964**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1964, p. 86.
[64] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1958**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1958, p. 207.
[65] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1959**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1959, p. 224.

Sindicalista orientava e assistia os seus associados e companheiros de trabalho e de associações de bairro na vida sindical e, inclusive, em setores particulares. A capa do anuário de 1965 apresenta, além de informações sobre os cursos e sobre o MOS, imagens da sala de aula, da festa de encerramento e do intervalo de aulas, respectivamente:



Foi a ELO organizada pelo Pe. Pedro Velloso, SJ, presidente da Confederação Brasileira de Trabalhadores Cristãos, em colaboração com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro da qual é um Instituto Complementar.
Inaugurada em julho de 1957, atingiu o ano de 1965 funcionando ininterruptamente, numa prova mais que concreta do acêrto da iniciativa já demonstrada, aliás, pela excelente receptividade encontrada entre os trabalhadores.

FINALIDADE

Dar aos trabalhadores conhecimentos práticos e teóricos, habilitando-os à liderança sindical, social e democrática, dentro dos salutares princípios da Doutrina Social Cristã, é o principal objetivo da Escola de Líderes Operários.
Ao promover a renovação de valores, orientando para os quadros sindicais novos e bem formados militantes, está a Escola indo ao encontro da maior necessidade do nosso Sindicalismo autêntico e de base, que são os bons elementos.

CURSOS

Para atingir seus objetivos, a Escola mantém dois tipos de cursos regulares: o Curso de Preparação Trabalhista e os Cursos Intensivos de Formação.

CURSOS POPULARES DE PREPARAÇÃO TRABALHISTA

Os cursos são realizados de preferência nos bairros operários, com aulas à noite, durante dois meses e meio. São lecionadas as seguintes matérias: Questões Sociais, Legislação do Trabalho, História e Geografia do Brasil, Português, Noções de Economia Política, Relações Humanas, Previdência Social, Sindicalismo Prático e Teórico, Circulismo e Mensagem.
As aulas são sempre seguidas de debates.
Anualmente, a ELO realiza quatro Cursos de Preparação. Desde a sua fundação até o encerramento do ano letivo de 1965, já efetuou 31 cursos em todo o Estado da Guanabara, atingindo também as cidades fluminenses de Niterói e Duque de Caxias.
Receberam certificados dêstes Cursos 820 trabalhadores de todos os ramos de atividades: indústria, comércio, crédito, transporte, comunicações, etc.

CURSOS INTENSIVOS DE FORMAÇÃO DE LÍDERES

Os cursos são realizados em caráter intensivo, tempo integral, na sede do Instituto Superior de Formação Operária, na Rua Almirante Alexandrino 149, em Santa Teresa.
A seleção de candidatos faz-se entre os alunos dos Cursos Populares de Preparação Trabalhista, que recebem bôlsas de estudo que permitem o seu afastamento do trabalho.
O programa e o método dos Cursos de Formação têm sido constantemente alterados, visando-se uma adaptação à turma e ao aperfeiçoamento contínuo.
A receptividade obtida pela Escola de Líderes Operários tem superado tôda e qualquer expectativa. Ex-alunos da ELO são convidados a ingressar no Movimento de Orientação Sindicalista (MOS), associação que congrega os que militam nos sindicatos, associações profissionais e outras agremiações de trabalhadores, inclusive de bairros.
A maioria tem tido atuação de destaque e liderança nos meios em que milita.

Aspecto de uma aula

Festa de Encerramento

Escola de Líderes Operários • ELO

R. dos Andradas, 96-16.o - Tel. 43-7643 (Instituto Complementar)

ALUNOS MATRICULADOS NA ELO EM 1965

Cursos Básicos de Preparação de Líderes	106
Cursos Intensivos de Formação de Líderes	32
Total	138

No intervalo das aulas

Imagem 8 - Capa do anuário de 1965. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, 1965.

Chama a atenção, na imagem acima, a presença expressiva de mulheres nas aulas registradas. Contudo, esse não era um padrão dos cursos oferecidos pela ELO. A imagem 8, onde aparecem mulheres nas aula, é referente ao anuário de 1965, entretanto o único ano em que registrou-se a presença de mulheres foi em 1960, nos Cursos de Preparação Trabalhista. Nos quatro cursos oferecidos no ano, 95 alunos receberam certificado, dos quais 16 eram mulheres. Entre essas mulheres havia balconistas, comerciárias, funcionária pública, fotometrista, estudantes, enfermeira, inspetora, datilógrafa, costureira, auxiliar de escritório,

recepcionista e tecelã.[66] Não há registros de mulheres formadas pela ELO que tenham se tornado dirigentes sindicais.

Não obstante, em um relatório sobre os resultados da Escola de Líderes Operários, afirma-se que:

> "Os primeiros resultados obtidos pelo Instituto, fôram colhidos logo depois da **revolução**, quando grande número de sindicatos ficará sem as Diretorias. Eram estas, ou **comunistas ou comprometidas com os comunistas** e os seus elementos fugiram ou fôram presos. Para pôr novamente em funcionamento êstes sindicatos, **o Govêrno recorreu aos circulistas**. Grande número deles fôram nomeados para as Juntas Governativas e graças aos Assessores, preparados pelo Instituto, estão podendo levar avante o reerguimento democrático dos Sindicatos."[67] (grifos meus)

O trecho do relatório exibido mostra de maneira contundente que as lideranças formadas pela ELO se apresentavam como um tipo idealizado de sindicalistas que respondia às aspirações do governo autoritário, atuando de forma fundamental para a coibição do avanço de ideais comunistas e para a contenção da oposição nos sindicatos. Como o próprio relatório afirma, os líderes que eram considerados comunistas por apresentarem um posicionamento mais combativo foram presos ou exilaram-se após o golpe civil-militar, fazendo com que o governo optasse por colocar sindicalistas ligados ao movimento circulista na direção dessas instituições. Essa preferência se dá devido ao fato de que esses trabalhadores possuíam uma formação baseada na Doutrina Social da Igreja e, consequentemente, na perspectiva anticomunista e de harmonia entre as classes, não oferecendo resistência e oposição aos patrões ou ao governo. A atuação dos Círculos Operários Católicos na Fábrica Nacional de Motores (FNM), localizada em Xerém, no Rio de Janeiro, é um caso emblemático da influência do movimento circulista nos mundos do trabalho. Apoiados pelas forças conservadoras da FNM, os circulistas faziam oposição ao sindicato.[68]

---

[66] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1960**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1960, p. 213.

[67] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Relatório de 1964**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1964, p. 6.

[68] CORRÊA, Larissa Rosa. **Entre o corporativismo e o anticomunismo: A Escola de Líderes Sindicais (ELO)**. IN: Corporativismos ibéricos e latino-americanos. Luciano Aronne de Abreu;

Em entrevista ao Jornal do Brasil, Padre Velloso afirmou que "o movimento de restauração da autenticidade sindical, comandado pela Confederação Nacional dos Círculos Operários, já formou vários líderes sindicais, dentre os quais a Revolução tem ido buscar seus renovadores do movimento sindical brasileiro".[69] O discurso do assistente eclesiástico da CNCO evidencia o orgulho que a entidade tinha ao ver que as lideranças sindicais que formava eram indicadas às diretorias dos sindicatos após o golpe civil-militar, considerado pelo padre e os demais membros da Confederação como "revolução".

Além disso, a partir dos documentos analisados é possível inferir que o projeto político-pedagógico dos cursos oferecidos pela Escola de Líderes Operários era voltado para a preparação total das lideranças com base nos ideais de cristianização. Os cursos ofereciam desde aulas teóricas sobre questões como economia e política, passando por ensinamentos sobre como um líder deve se portar e falar até aprendizados práticos acerca de situações possíveis no movimento sindical. Muitas aulas eram ministradas por padres ligados à PUC-Rio, como o Padre Velloso, o Padre Juarez Máximo de Medeiros e o Padre Luiz Ernani da Costa e Silva, e quase em sua totalidade eram permeadas por diretrizes católicas. Não se pode deixar de salientar que os documentos evidenciam que a ELO tinha um caráter extremamente anticomunista e que buscava sacramentar a cristianização da classe operária.

2.2 - O sindicato dos comerciários

Um exemplo concreto de atuação de ex-alunos da ELO no movimento sindical é o caso do Sindicato dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro (à época Sindicato dos Empregados do Comércio da Guanabara), que teve Luisant Mata Roma Brasil Nogueira de Carvalho – formado no Curso Intensivo de

---

Marco Aurélio Vannucchi. (Org.). Corporativismos ibéricos e latino-americanos. 1°ed.Porto Alegre: EdiPUCRS, 2019, v. , p. 307-326.

[69] *Católicos vão iniciar formação de líderes sindicais com ensino.* **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 28 de junho de 1964, p. 22
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/55061>. Acesso em 14 de jun. de 2020.

Preparação de Líderes de 1959 – nomeado como interventor ainda durante o governo Castelo Branco, em 1966.

Registra-se, durante o ano de 1965 uma série de protestos e movimentações dos comerciários por ajuste salarial. Além disso, uma reportagem de 6 de janeiro de 1966, do *Diário de Notícias*, afirmou que a diretoria do sindicato havia se reunido para travar uma campanha por aumento de salários e que, na ocasião, o então presidente, Jaime da Silva Correia, estabeleceu que esse aumento não poderia ser menor que 50%. Havia, também, reivindicação de aposentadoria especial aos 25 anos de trabalho para balconistas e mulheres.[70] Três dias depois, o ministro do Trabalho e Previdência Social, Walter Peracchi Barcelos, assinou uma portaria decretando a intervenção no sindicato, utilizando-se do artigo 528, da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), para alegar irregularidade na gestão de Jaime Correia. Afirmava-se, ainda, que as medidas extremas foram determinadas com base em relatórios de atividades sindicais e denúncias ao Conselho de Segurança Nacional (CSN) e ao Serviço Nacional de Informações (SNI). Uma das denúncias contra o então presidente do sindicato foi em relação à sua participação na criação da Comissão Permanente das Organizações Sindicais, considerada como precursora do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), "grupo pelêgo-comunista, que foi alijado pela Revolução de 31 de março".[71]

Após a apuração das irregularidades denunciadas pela Junta Governativa, o senhor Mata Roma foi nomeado interventor do sindicato, mantendo-se no cargo por 40 anos, até o seu falecimento em 2006, quando seu filho e então vice-presidente, Otton Mata Roma, assumiu a presidência. Após uma série de denúncias, um inquérito foi instaurado em 2004 e, em 2014, o Ministério Público interveio no sindicato e destituiu Otton. A intervenção durou 7 meses e preparou a entidade para uma nova eleição, na qual Márcio Ayer assumiu a presidência com um novo grupo de diretores. Em 2018, Otton foi preso na Operação *Godfather*

---

[70] *Comerciários exigem aumento: mínimo é de 50%.* ***Diário de Notícias***, 6 de janeiro de 1966, Rio de Janeiro. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/093718_04/54645>. Acesso em 03 de jun. de 2020.

[71] *Intervenção é Total nos Comerciários.* ***Diário de Notícias***, 9 de janeiro de 1966, Rio de Janeiro. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/54701>. Acesso em 03 de jun. de 2020.

pelo desvio de 100 milhões de reais do sindicato, acusação de organização criminosa, apropriação indébita, lavagem de capitais, estelionato e falsidade ideológica.[72]

De acordo com José Cláudio de Oliveira, atual diretor de finanças do sindicato, que "fazia oposição à gestão antidemocrática e assistencialista" de Luisant Mata Roma, o ex- aluno da ELO não autorizava os sindicalistas a participar da luta de classes. O diretor de finanças se candidatou em busca de "resgatar a participação política dos comerciários no combate às opressões patronais"[73] A apresentação de José Cláudio no site do sindicato evidencia que Luisant Mata Roma representava a liderança sindical ideal para o governo autoritário, visto que, com base nos ideais circulistas, estimulava a harmonia entre patrões e empregados, mesmo que isso significasse compactuar com a opressão exercida pelos patrões e, também, pelo governo.

De acordo com Márcio Ayer, atual presidente do sindicato, a gestão de Luisant foi marcada por ações assistencialistas. Segundo Ayer, o ex-aluno da ELO deu início à construção de um hospital para comerciários em Cascadura e foi responsável pela criação de uma escola e uma creche ligadas ao sindicato, além de ser lembrado por fazer doações de materiais de construção, por exemplo. O atual presidente afirma que Luisant

> "[...] era uma figura que tinha essa questão do assistencialismo muito forte, acreditava que o sindicato tinha que ter serviços e beneficiar os trabalhadores de alguma forma, voltada a essa questão assistencial. **E se restringia a isso**. O sindicato não tinha campanha salarial combativa, por reajuste salarial, não tinha isso. Aqui, lutas e questões que envolviam a categoria para questão de direitos, era muito difícil."[74] (grifos meus)

A partir desse relato, pode-se inferir que a influência circulista estava bastante presente nas ações do senhor Luisant, tanto no que diz respeito às ações

---

[72] "MP e Polícia Civil deflagram operação contra corrupção em sindicato". O Dia. Rio de Janeiro, 11 de nov. de 2018. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/11/5593153-mp-e-policia-civil-deflagram-operacao-contra-corrupcao-em-sindicato.html>. Acesso em 04 de jun. de 2020.

[73] Citações e informações retiradas da apresentação do senhor José Cláudio no Arquivo da Diretoria do Sindicato dos Comerciários do Rio. Disponível em: <https://secrj.org.br/diretoria>. Acesso em 27 de maio de 2020.

[74] Entrevista concedida por Márcio Ayer para a autora. Rio de Janeiro, 01 de junho de 2020.

assistencialistas, como em relação à atuação não combativa do Sindicato dos Comerciários. Nomeado como interventor da entidade durante a Ditadura Militar, Mata Roma assumiu uma postura neutra e apolítica, respondendo às expectativas do regime autoritário de evitar conflitos e combatividade por parte do movimento sindical. O atual presidente afirma que essa gestão se restringia a práticas assistenciais, o que evidencia uma negligência em relação às disputas entre patrões e funcionários. Durante a gestão de Mata Roma, o sindicato não fazia ações coletivas contra as empresas por descumprimento das convenções, por exemplo. De acordo com Ayer, há registros de câmaras de conciliação, um projeto realizado para firmar acordo entre patrões e funcionários. O comerciário ressalta que a prática, que só foi encerrada após a intervenção judicial de 2014, muitas vezes era realizada com a intenção de favorecer a empresa e ludibriar o trabalhador, que era representado por alguma figura do sindicato.

José Cláudio também destaca o apreço pela conciliação de classes na gestão Mata Roma, que, segundo ele, não deveria existir no movimento sindical. Para o comerciário, os trabalhadores e, principalmente as lideranças sindicais, não podem trilhar o caminho da conciliação, tendo em vista que a base dos sindicatos deve ser a luta em defesa de melhorias para os trabalhadores e não o beneficiamento patronal. Oliveira defende que o sindicato é "uma entidade de luta política, é para ajudar a luta dos trabalhadores, seja ela qual for, e tem que bancar a luta para a evolução da consciência política dos trabalhadores".[75]

Além disso, Ayer afirma que Mata Roma utilizava das práticas assistencialistas para se manter no cargo de presidente. Segundo o atual gestor do sindicato, não havia um conjunto de muitos associados na base, mas apenas um grupo seleto de pessoas que precisava estar alinhado às políticas de Mata Roma para não serem expulsos do sindicato. Esse grupo era diretamente beneficiado pelas ações da entidade, como a construção de nove prédios residenciais, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, nomeados com o sobrenome do dirigente: Roma I, Roma II, Roma III, Roma IV, Roma V, Roma VI, Roma VII, Roma VIII e Roma IX. Cada um dos edifícios têm em média 20 apartamentos – alguns ainda são de

[75] Entrevista concedida por José Cláudio Oliveira para a autora. Rio de Janeiro, 16 de junho de 2020.

propriedade do sindicato – e foram sorteados entre os sindicalizados desse grupo, que constituía a base de apoio à Mata Roma. Assim, as eleições, que eram realizadas por um sistema de assembleia pouco elaborado, onde a contagem de votos era feita a partir de levantamento de mãos, mantiveram o interventor no cargo por 41 anos, até sua morte, em 2006.[76]

Assim como Ayer, José Cláudio também atribui a manutenção de poder de Mata Roma às políticas assistencialistas. De acordo com o diretor de finanças, as ações assistenciais eram utilizadas por Mata Roma para aproximar os sócios de sua gestão e, assim, conter qualquer tipo de posicionamento contrário nas assembleias. Oliveira também afirma que os sócios que frequentavam as assembleias eram beneficiados com assistência médica, passeios à fazenda do sindicato, sorteios e consórcio de apartamentos, por exemplo. Dessa forma, os sócios que estavam fora desse grupo e defendiam greves ou qualquer outro tipo de luta contra os patrões, tinham a pauta reprovada em assembleia, podendo inclusive serem expulsos do sindicato. José Cláudio, portanto, não participava das grandes ações traçadas pelo sindicato, visto que não havia espaço para aqueles que pensavam contrariamente à proposta conciliadora. O comerciário relembra que Mata Roma afirmava que o sindicato era democrático, mas que não permitia sua presença e de demais companheiros nas assembleias, utilizando o argumento de que suas ideias eram contrárias ao estatuto da entidade.[77]

Quando questionado sobre a imagem que a gestão de Luisant Mata Roma deixou para o sindicato, Ayer afirmou que o resultado foi bastante negativo, visto que foi "um período que não tinha democracia e a categoria não participava das discussões do sindicato".[78] Há, inclusive, relatos de associados que foram expulsos de assembleia por apresentar oposição à gestão de Mata Roma, como é o caso de José Cláudio, e de outros trabalhadores que foram desassociados do sindicato por não se alinharem com as políticas instituídas.

Chama a atenção uma parte da fala de Ayer, que afirmou que Mata Roma "conseguia de alguma maneira envolver os trabalhadores que estavam no entorno

[76] Entrevista concedida por Márcio Ayer para a autora. Rio de Janeiro, 01 de junho de 2020.
[77] Entrevista concedida por José Cláudio Oliveira para a autora. Rio de Janeiro, 16 de junho de 2020
[78] Entrevista concedida por Márcio Ayer para a autora. Rio de Janeiro, 01 de junho de 2020.

do sindicato"[79] e que era uma figura politicamente agradável. Pode-se atribuir o carisma e a facilidade de lidar com os trabalhadores ao aprendizado que o interventor teve na ELO. O Curso Intensivo de Formação de Líderes, realizado em 1959 por Mata Roma, ofereceu como disciplinas teóricas Noções de Economia Política; Noções de Direito Constitucional; Legislação do Trabalho; Política Democrática; Política Internacional; Questões Sociais; Moral; Oratória; Marxismo e Comunismo; Organização Sindical; Contabilidade; e Técnica de Jornalismo e como disciplinas práticas Liderança de Reuniões; Liderança de Assembleia; Militância; e Problemas Operários.[80] Certamente, as disciplinas que focavam no discurso e na execução de liderança foram cruciais para potencializar as boas relações que Mata Roma estabelecia com trabalhadores. As pautas abordadas nas aulas, como verificado anteriormente, visavam preparar as lideranças justamente para essas situações, onde precisariam encarar situações adversas e estabelecer uma gestão sólida, pautada inclusive em uma política de estabelecimento de boas relações com funcionários e trabalhadores associados. O caso do Sindicato dos Comerciários torna-se emblemático pela duração da gestão Mata Roma, que certamente não seria possível se fosse baseada apenas em coercitividade.

[79] Entrevista concedida por Márcio Ayer para a autora. Rio de Janeiro, 01 de junho de 2020.
[80] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Anuário de 1959**. Núcleo de Memória. Rio de Janeiro, 1959, p. 220.

Capítulo 3 - As outras faces do circulismo

A Escola de Líderes Operários era apenas uma das faces de atuação da Confederação Nacional dos Círculos Operários. A entidade, da qual Padre Velloso foi assistente eclesiástico na década de 1960, também foi responsável por outras ações voltadas para os trabalhadores. Sempre orientada pela Doutrina Social da Igreja, a CNCO realizou uma série de atividades nos anos de 1960. Desse modo, a entidade esteve muito presente nas matérias de jornais, que noticiavam suas ações e as movimentações de Padre Velloso e Frei Celso, seus principais líderes nos núcleos da Guanabara e de São Paulo, respectivamente.

Em paralelo à ELO, Padre Velloso realizou em 1961 um curso de três meses no Instituto Superior de Cultura e Ação Social (ISCAS) da PUC-Rio. O curso contava com aulas de liderança de reuniões, oratória, marxismo, democracia e economia, além de discussões sobre a Doutrina Social da Igreja, era o primeiro oferecido pelo ISCAS e seria ministrado no Centro do Rio de Janeiro. Trinta e cinco alunos foram selecionados a partir de uma entrevista que tinha como objetivo verificar sua vocação de liderança e seus conhecimentos para a função. Para o *Jornal do Brasil*, o jesuíta, que atuou como professor de marxismo no curso, afirmou que a orientação política dos candidatos não seria uma questão analisada na admissão e que, inclusive, a presença de comunistas seria boa para enriquecer os debates. Velloso considerava que um verdadeiro líder democrático é aquele que conduz os outros sem que eles sintam e que tem formação intelectual e simpatia como qualidades.[81]

Por conseguinte, em janeiro de 1962, o *Diário de Notícias* anunciava o incremento da relação entre a CNCO e os trabalhadores através de um programa radiofônico, que visava discutir os problemas da classe operária. Intitulado "Questões em debate", o programa era irradiado toda segunda-feira, entre 21h e 21:25h, em cadeia com várias emissoras católicas pelo país. Padre Velloso

[81] *ISCAS procurará líderes democráticos em curso sôbre questões sociais*. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1961, p. 4
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/20888>. Acesso em 13 de jun. de 2020.

afirmou, em entrevista ao periódico, que o programa pretendia ser "uma autêntica meia hora do trabalho", tratando de problemas cruciais e trazendo soluções para amenizar a luta cotidiana dos trabalhadores.[82] Além de ser transmitido em um horário estratégico – após o expediente de trabalho –, o programa era de curta duração, o que caracteriza o cuidado de não tornar a discussão exaustiva e de prender a atenção dos trabalhadores. Essa discussão travada no rádio, assim como a maioria das ações promovidas pela Confederação, tinha um caráter didático-pedagógico, visando instruir os ouvintes em relação às problemáticas das relações de trabalho de maneira sútil e baseada na Doutrina Cristã.

Além do programa radiofônico, o circulismo investia em outras maneiras de aproximação com os trabalhadores. Em parceria com o MOS, a Federação dos Círculos Operários Cariocas promoveu uma festa em comemoração ao Dia do Trabalho, em 1963, no Jardim do Méier. Além de um "grandioso show" com artistas de rádio e televisão, a programação do evento previa o lançamento da campanha estadual pelo salário-família.[83] O anúncio, feito na primeira página do jornal *A Cruz*, estendia o convite à família dos trabalhadores. A festa oferecida tinha dupla função: promoção de entretenimento e lazer e impulsionamento da pauta política levantada.

Não obstante, de acordo com reportagem do jornal *Última Hora*, de agosto de 1963, a CNCO foi responsável por fazer uma pressão democrática na Câmara dos Deputados pela aprovação do projeto do salário-família. Após a aprovação, Padre Velloso assumiu o compromisso de ir ao Senado brigar pela correção das falhas que apontava no projeto de benefício para os trabalhadores, proposto pelo deputado Franco Montoro.[84] No mesmo dia, *O Jornal* também atribuiu parte do mérito da aprovação à Confederação, apresentando o assistente eclesiástico como "um dos brasileiros que melhor conhece os problemas do operariado e suas

---

[82] *Questão dos operários em programa radiofônico.* **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 15 de abril de 1962, p. 19 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/20659>. Acesso em 12 de jun. de 2020.

[83] *Festa dos Trabalhadores*. **A Cruz: Orgão da Parochia de S. João Baptista.** Rio de Janeiro, 28 de abril 1963, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/829706/13157>. Acesso em 15 de jun. de 2020.

[84] *Operários Querem Correção do Projeto do Salário-Família*. **Última Hora**. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1963, p.2
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/90005?pesq=padre veloso>. Acesso em 12 de jun. de 2020.

principais reivindicações".[85] De acordo com a reportagem, a lei previa um salário-família pago na base de 5% sobre o salário mínimo para cada filho do trabalhador. A crítica de Padre Velloso era referente à porcentagem, considerada pequena e, também, à não inclusão da mãe de família e ao limite de idade de 14 anos dos filhos para receber a contribuição. O padre frisou o compromisso dos Círculos em amparar, norteados pela Doutrina Cristã, todos os trabalhadores e, portanto, confirmou o empenho da entidade em atuar na campanha pela melhoria da lei, que reivindicava mais 5% e a inclusão das mães de família.[86]

Padre Velloso era uma das figuras mais emblemáticas do circulismo e exercia forte influência nas discussões acerca do movimento sindical, principalmente as que eram travadas por entidades e agentes ligados à Igreja Católica. Em entrevista ao jornal *A Cruz*, o jesuíta afirmou que o sindicalismo brasileiro estaria sendo deturpado por

> "determinadas cúpulas dirigentes compostas de pelegos governamentais e, por minorias ligadas a partidos políticos, que defendem ideologias internacionais contrárias aos interesses das massas trabalhadoras".[87]

As "ideologias internacionais" as quais o padre se referiu dizem respeito ao comunismo, que norteava alguns partidos políticos e exercia influência em determinados sindicatos, que sofriam oposição direta do movimento circulista.

Uma das publicações da revista Vozes, baseada em análises do jesuíta sobre os sindicatos brasileiros, apresentava os círculos operários como a saída para o comunismo. De acordo com a publicação, 33% dos sindicatos eram democráticos, 12% eram duvidosos e 14.5% eram comunistas, porém estes controlavam os órgãos de cúpula. O estudo do padre afirmava que os números explicavam o êxito dos comunistas no setor sindical e no movimento estudantil.

---

[85] *Aprovação do salário-família nos IAPs foi em parte devida à CNCO*. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1963, p. 5.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_06/30044>. Acesso em 15 de jun de 2020.

[86] *Aprovação do salário-família nos IAPs foi em parte devida à CNCO*. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1963, p. 5.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_06/30044>. Acesso em 15 de jun de 2020..

[87] *Sindicalismo está sendo deturpado.* **A Cruz: Órgão da Parochia de S. João Batista**. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1963, p. 3.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/829706/13093>. Acesso em 15 de jun. de 2020.

De acordo com reportagem do *Jornal do Commercio*, havia 3 correntes nas cúpulas sindicais: comunistas, pelegos e a chamada terceira-força, compreendida como solução à polarização. Desse modo, a notícia afirma que deveria-se aproveitar as divergências no movimento sindical em favor da democracia, concluindo que "o apoio ao Movimento Sindical Democrático (MSD), oriundo dos Círculos Operários tão bem orientados pelo Padre Veloso, pode ser a porta para a saída do sindicalismo brasileiro dos grilhões do comunismo."[88]

De acordo com Antonio Luigi Negro e Fernando Teixeira da Silva, o MSD foi fundado em 1961, como oposição ao Movimento de Renovação Sindical (MRS), que surgiu em 1959, reunindo dissidentes do PCB, independentes e cristãos antagônicos ao circulismo como esperança de uma alternativa política. Inicialmente, o MSD era formado pelos "minesterialistas" e aliados de direita. Com medo do avanço da esquerda em direção à estrutura sindical, o circulismo e os líderes sindicais anticomunistas se uniram ao movimento que, segundo os autores, era ideologicamente favorável à empresa privada e recebia apoio da Confederação Internacional de Sindicatos Livres (CIOSL), do governo estadunidense e do sindicalismo dos EUA por intermédio da organização responsável pelo IADESIL.[89]

De acordo com o museu virtual *Memorial da Democracia*, "o MSD é controlado pelo Ibad, tem apoio da UDN e faz dura oposição a Jango".[90] Segundo o verbete, o MSD tinha relações estreitas com organizações anticomunistas internacionais, recebia apoio da União Democrática Nacional (UDN) e era vinculado ao Ibad. O movimento, que defendia um sindicalismo livre e democrático, promoveu o boicote de greves, radicalizou o discurso anticomunista e se opôs ao governo de João Goulart, participando, inclusive, de sua deposição.

---

[88] *O sindicalismo brasileiro.* **Jornal do Commercio.** Rio de Janeiro, 29 e 30 de julho de 1963, p. 4.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_15/23536>. Acesso em 13 de jun. de 2020.

[89] SILVA, Fernando Teixeira da & Negro, Antonio Luigi. "Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964)". In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília Almeida Neves (orgs.). **O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática: Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**, v.3. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, p. 70-71.

[90] SURGE O SINDICALISMO ANTICOMUNISTA. **Memorial da Democracia**, 2017.
Disponível em:
<http://www.memorialdademocracia.com.br/card/ala-sindical-anticomunista-mostra-a-sua-cara#card-136>. Acesso em 17 de jun. de 2020.

Ainda segundo o *Memorial*, após o golpe civil-militar a organização desapareceu do cenário político, porém muitos de seus membros substituíram dirigentes sindicais depostos pelo regime autoritário.[91]

Além disso, o MSD apresentava posicionamento contrário à pressão que o CGT exercia sobre o Congresso Nacional para acelerar o projeto de Reforma Agrária. Mesmo tendo a Reforma como parte da sua agenda política, em telegrama enviado ao presidente, a entidade declarou que o CGT não podia representar todos os sindicatos envolvidos na proposta de Reforma Agrária, sobretudo os 1300 filiados ao movimento, e que os trabalhadores democráticos estariam em comum acordo com as medidas tomadas pelo Congresso e nunca iriam contra o Poder Legislativo. Em nome do MSD, assinaram o telegrama Padre Velloso, Frei Celso e José Rotta.[92] As ações práticas do Movimento eram diametralmente opostas à agenda política que assumiu em seu primeiro manifesto, em 1961.

Como mais uma medida para a contenção do comunismo, em junho de 1964, a CNCO criou o Instituto de Formação Operária. O projeto, de iniciativa do Padre Velloso, tinha como objetivo principal difundir entre os trabalhadores noções básicas de sindicalismo.[93] O Instituto, que tinha sede em Santa Teresa, funcionaria como órgão de estudos complementares da PUC-Rio e buscava formar operários para atuar como instrutores e monitores da ELO. Além de idealizador, Padre Velloso era diretor-assistente do Instituto e afirmou em entrevista ao *Jornal do Brasil* que os alunos estudariam Legislação do Trabalho, Política Econômica do Brasil, Finanças e Política Sindical, Administração e o

---

[91] SURGE O SINDICALISMO ANTICOMUNISTA. **Memorial da Democracia**, 2017. Disponível em: <http://www.memorialdademocracia.com.br/card/ala-sindical-anticomunista-mostra-a-sua-cara#card-136>. Acesso em 17 de jun. de 2020.

[92] *Movimento Sindical contra CGT.* **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 24 de abril 1963, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/38944>. Acesso em 14 de jun. de 2020.

[93] *Círculos Operários vão criar escola para formar líderes.* **Última Hora.** Rio de Janeiro, 22 de junho de 1964, p. 2
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/100239?pesq=padre veloso>. Acesso em 12 de jun. de 2020.

Estatuto do Homem do Campo, além de aprenderem como realizar assembleias, reuniões e demais atividades sindicais.[94]

O Instituto oferecia cursos, semanas de estudos, dias de formação, mesas redondas, debates e outras atividades pedagógicas a fim de formar e aperfeiçoar professores, assessores, monitores e altos dirigentes do movimento sindical. Pretendia-se criar convênios com os sindicatos e demais organizações de trabalhadores para a oferta das atividades. Esses convênios poderiam ser de quatro maneiras distintas: elaboração de currículo e programa, oferta de professores, instrutores, monitores, serviços gerais e instalações pelo Instituto; elaboração de currículo e programa pela organização sindical, oferta de professores, instrutores, monitores, serviços gerais e instalações pelo Instituto; oferta apenas de monitores e serviços gerais pelo Instituto; e oferta de instalações e serviços gerias pelo Instituto, sendo o curso ou seminário em si promovido pela organização sindical responsável.[95]

Padre Velloso afirmava que a inauguração do Instituto Superior de Formação Operária atentaria contra a infiltração comunista. Ressaltava, também, que os sindicatos não cumpriam com sua finalidade, visto que, de acordo com ele, diferente do que era feito no Brasil, na Europa essas entidades criavam escolas para promover uma melhor assistência trabalhista. A instituição mantida pela CNCO sob orientação cristã teria, na prática, aulas sobre como organizar eleições, como financiar um sindicato, como lutar por reivindicações e estudos sobre inflação. O primeiro curso teria duração de 15 dias e seria destinado aos trabalhadores rurais de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina com duas aulas teóricas pela manhã e, à tarde, a parte prática ministrada pelos instrutores. O intuito da entidade era promover, até o final daquele ano, cerca de 200 seminários em vários estados do país.[96]

---

[94] *Católicos vão iniciar formação de líderes sindicais com ensino*. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 28 de junho 06 de 1964, p. 22
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/55061>. Acesso em 13 de jun. de 2020.

[95] INSTITUTO SUPERIOR DE FORMAÇÃO OPERÁRIA. **Unidade complementar da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro, sem data.

[96] *Sindicato no Brasil não cumpre suas finalidades*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1964, p. 8. Disoponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/39795>. Acesso em 13 de jun. de 2020.

Além de apoiar o que considerava como "revolução", como mostrado anteriormente, a então chamada CNCO se orgulhava da nomeação de lideranças circulistas durante o regime militar. Contudo, tal apoio custou à entidade a aproximação com a Confederação Latino-Americana de Sindicalistas Cristãos (CLASC). A relação entre as duas confederações era bastante estreita e marcada, inclusive, por um intercâmbio de líderes brasileiros para cursos realizados pela entidade latino-americana. Essa relação teve fim a partir da publicação de um documento de oito páginas elaborado pela CLASC em junho de 1964, que anunciava o rompimento de relações e filiações com os Círculos Operários brasileiros, devido a sua atuação em prol do golpe de 1° de abril de 1964, que iria contra os princípios do Sindicalismo Cristão. Além disso, acusava Frei Celso de "denegrir" e usurpar a representatividade do Sindicalismo Cristão.[97]

A CLASC afirmava, ainda, que a política anticomunista adotada pelos Círculos Operários fazia o jogo da exploração capitalista e era utilizado para deter a promoção da classe operária. A confederação se posicionou contrariamente ao comunismo, pois alegava não o considerar eficaz para solucionar os problemas da classe, mas também se opunha ao anticomunismo. De acordo com o periódico, a entidade considerava que o golpe civil-militar teria sido motivado pelo histerismo anticomunista promovido pelas forças reacionárias nacionais e internacionais. O documento declarava que o que os Círculos definiam como "revolução democrática", na verdade dizia respeito a um golpe de Estado em um presidente que exercia legal e democraticamente seu cargo e que tal golpe propiciou o desrespeito à democracia, às normas jurídicas e às liberdades, destacando a perseguição de sacerdotes e dirigentes católicos que foram presos e torturados. Por fim, a CLASC condenou a Confederação dos Círculos Operários por ter tomado a iniciativa de conseguir intervenções em sindicatos.[98]

Entretanto, após o golpe civil-militar de 1964, o circulismo também passou a sofrer com as amarras da censura, mesmo com seu histórico de combate

---

[97] *Operários: - Apoiar "Revolução" é Trair Sindicalismo Cristão*. **Última Hora.** São Paulo, 19 de setembro de 1964, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/102468>. Acesso em 16 de jun. de 2020.

[98] *Operários: - Apoiar "Revolução" é Trair Sindicalismo Cristão*. **Última Hora.** São Paulo, 19 de setembro de 1964, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/102468>. Acesso em 16 de jun. de 2020.

ao comunismo no movimento sindical. Com a manchete "Govêrno amordaça operários cristãos", o *Última Hora* noticiou, em dezembro de 1964, uma portaria assinada pelo Ministério do Trabalho, Arnaldo Sussekind, que proibia entidades de existência não previstas na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de atuarem no movimento sindical. De acordo com a reportagem, o ato visava anular a ação da CBTC.[99] Após a divulgação da portaria de Sussekind, a CBTC organizou um conselho deliberativo, que contou com a presença de Padre Velloso e Frei Celso, para discutir qual seria o posicionamento da entidade frente ao governo caso o ministro confirmasse a assinatura. O conselho deliberou que, se a decisão fosse mantida, a CBTC passaria a apresentar oposição ao governo, denunciaria a falta de liberdade sindical no Brasil à Organização Internacional do Trabalho e à Confederação Internacional dos Sindicatos Cristãos e criaria 800 sindicatos cristãos com base nos círculos operários.[100] Ao fim e ao cabo, a ala conservadora da Igreja Católica também teve suas ações cerceadas pela Ditadura Militar e, portanto, precisou retirar seu apoio ao governo autoritário.

---

[99] *Governo Amordaça Operários Cristãos.* **Última Hora.** Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 1964, p.5 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/104408?pesq=padreveloso>. Acesso em 16 de jun. de 2020.

[100] *Cristãos Ameaçam Romper de Vez Com o Govêrno.* **Última Hora**. Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1964, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/104463>. Acesso em 16 de jun. de 2020.

Conclusão

A Escola de Líderes Operários foi criada a partir da necessidade do setor conservador da Igreja Católica de viabilizar a contenção do comunismo nos mundos do trabalho em um período de grande polarização política no Brasil. Além disso, a instituição tinha grande preocupação com as questões sociais e buscava uma humanização das estruturas sociais. Tal preocupação fica evidenciada a partir da relação estreita que a ELO possuía com a Escola de Serviço Social da PUC, órgão que era representado no conselho da instituição, motivada pela relação enxergada entre o serviço social e o respeito à dignidade humana e a consciência cristã.

Desse modo, a ELO expressa o projeto de expansão das perspectivas anticomunistas dos Círculos Operários e da Doutrina Social da Igreja. A instituição foi uma das grandes ferramentas do circulismo na busca pela harmonia entre patrões e trabalhadores. A formação de líderes anticomunistas possibilitou uma articulação direta entre o circulismo e o movimento sindical. Os trabalhadores que eram formados em cursos ligados aos Círculos Operários, como os oferecidos pela ELO, levavam a perspectiva circulista para dentro dos sindicatos. Dessa forma, é possível afirmar que uma das consequências da Escola foi o estreitamento da relação entre os Círculos e os mundos do trabalho.

Essa formação era pautada na Doutrina Social da Igreja e extremamente focada na preparação de lideranças para o combate das chamadas "ideologias exógenas" no movimento sindical. A partir da análise das fontes realizadas neste trabalho monográfico, foi possível inferir que havia grande preocupação com as habilidades emocionais para o desenvolvimento da liderança nos trabalhadores. Fatores como simpatia, cordialidade, capacidade para influenciar e sociabilidade eram diariamente avaliados nos alunos dos cursos oferecidos pela ELO. Além disso, testes psicológicos também faziam parte do sistema avaliativo. A todo momento as aptidões dos trabalhadores eram testadas pela equipe pedagógica da instituição.

A função dessas lideranças no movimento sindical era, portanto, conter o avanço do comunismo e promover a cristianização da classe operária. Nesse

sentido, os dirigentes formados pela ELO tinham características não combativas. Formados de acordo com as premissas da encíclica *Rerum Novarum*, tendiam a não oferecer nenhum tipo de pressão aos patrões, vislumbrando o princípio anticomunista de harmonia entre as classes sociais. Esse comportamento neutro e apolítico dos ex alunos da ELO e dos demais cursos oferecidos pelos Círculos Operários, que tornaram-se dirigentes sindicais, ficou evidente a partir da análise do caso do sindicato dos comerciários do Rio de Janeiro.

Para atingir tal objetivo, o projeto político-pedagógico da ELO foi pautado na preparação completa dos líderes sindicais. Os alunos aprendiam, entre outras coisas, sobre o funcionamento dos sindicatos, economia política, legislação do trabalho, previdência social e direito tributário, mas também tinham aulas de oratória, organização de assembleias e reuniões e papel de liderança. O projeto pedagógico da ELO compreendia que um líder tem necessariamente características inerentes e que a formação apenas faz com que essas características sejam descobertas. Dessa forma, os Cursos de Preparação Trabalhista e de Formação de Líderes buscavam estimular as habilidades de liderança dos alunos e prepará-los para os desafios do movimento sindical. Contudo, essa formação tinha um viés essencialmente anticomunista e cristão.

. Entretanto, as ações dos Círculos Operários para a contenção do comunismo iam além da ELO. A entidade realizava uma série de seminários e congressos, além de oferecer outros cursos para os trabalhadores. Padre Velloso, uma das figuras mais emblemáticas do circulismo, exercia papel importante nas discussões políticas durante a década de 1960 e promovia as ações circulistas em matérias de jornais. O movimento circulista atuava ativamente no cotidiano dos trabalhadores e tinha participação direta na política, como ficou evidenciado neste trabalho.

As lideranças formadas por cursos oferecidos pelos Círculos Operários representavam um tipo de trabalhador ideal para o governo autoritário instaurado a partir do golpe civil-militar de 1964. Assim, muitos trabalhadores ligados ao movimento circulista passaram a ocupar cargos de importância nos sindicatos após o golpe, substituindo dirigentes comunistas ou que exerciam qualquer tipo de oposição ao regime autoritário. Contudo, mesmo assim, a entidade sofreu com a

censura e a repressão do regime autoritário, passando a ter suas ações limitadas logo no primeiro ano da Ditadura Militar e, assim, sendo obrigada a retirar seu apoio aos militares.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Editora FGV, 2018.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório.** Volume II - Textos Temáticos - Violação de Direitos Humanos dos Trabalhadores. Brasil, 2014. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>

CORRÊA, Larissa Rosa. **Disseram que voltei americanizado. Relações sindicais Brasil e Estados Unidos na Ditadura Militar.** Campinas: editora da Unicamp, 2017.

CORRÊA, Larissa Rosa. **Entre o corporativismo e o anticomunismo: A Escola de Líderes Sindicais (ELO)**. IN: Corporativismos ibéricos e latino-americanos. Luciano Aronne de Abreu; Marco Aurélio Vannucchi. (Org.). Corporativismos ibéricos e latino-americanos. 1°ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2019, v. , p. 307-326.

CORRÊA, Larissa Rosa; FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. "As falas de Jerônimo": trabalhadores, sindicatos e a historiografia da ditadura militar brasileira. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, v. 23, n. 43, p. 129-151, 2016.

DIEHL, Astor Antônio. **Estado Novo: corporativismo e círculos operários**. Estudos Ibero-Americanos, v. 13, n. 1, p. 19-36, 1987.

DIEHL, Astor Antônio. **Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.

DREIFUSS, René Armand. **1964, a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.

DUARTE, Eric Damião. **De "Parque Modelo" ao esquecimento: Os processos de remoção do Parque Proletário da Gávea.** Núcleo de Memórias Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2019. p. 1-28.
Disponível em:
<http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/sites/default/files/documentos/producao-nucleo/pibic/parque-modelo-ao-esquecimento-os-processos-remocao-parque/relatorio-parque-modelo-ao-esquecimento-os-processos-remocao.pdf>

FICO, Carlos. **O golpe de 1964. Momentos decisivos.** Rio de Janeiro: FGV, 2014.

FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. Historiografia, trabalho e cidadania no Brasil. 2002.

JOFFILY, Mariana. Aniversários do golpe de 1964: debates historiográficos, implicações políticas. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 204 - 251, jan./mar. 2018.

KORNIS, Mônica. *Verbete Círculos Operários.* In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, CPDOC/FGV. Disponível em:
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/circulos-operarios
>

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. *Trad. Heloísa Braz*. Editora Brasiliense, 1989.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

RODEGHERO, Carla Simone. **Capítulos da Guerra Fria: o anticomunismo brasileiro sob o olhar norte-americano (1945-1964)**. UFRGS Editora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SANTANA, Marco Aurélio. "Ditadura Militar e resistência operária: o movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática". Revista Política & Sociedade, n. 13, outubro de 2008, pp. 279-309.

SILVA, Fernando Teixeira da & Negro, Antonio Luigi. "Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964)". In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília Almeida Neves (orgs.). **O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática: Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**, v.3. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

SOUZA, Jessie Jane de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.